

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANA CLAUDIA KOCHINSKI

TURISMO ARQUEOLÓGICO NO PARANÁ: UM PANORAMA DOS SÍTIOS
ARQUEOLÓGICOS DOS CAMPOS GERAIS E A SUA POTENCIALIDADE TURÍSTICA

CURITIBA

2014

ANA CLAUDIA KOCHINSKI

TURISMO ARQUEOLÓGICO NO PARANÁ: UM PANORAMA DOS SÍTIOS
ARQUEOLÓGICOS DOS CAMPOS GERAIS E A SUA POTENCIALIDADE TURÍSTICA

Trabalho de graduação apresentado às disciplinas de
Orientação e Supervisão de Estágio e Projeto em
Planejamento e Gestão de Turismo II e Projeto em
Planejamento e Gestão de Turismo II, Curso de Turismo,
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes,
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Luciane De Fátima Neri.

CURITIBA

2014

Sem pressa

Viaje o seu olhar, do passado ao agora, sem pressa,

deslize-o sobre o vivo e o morto, o velho e moço,

múmias, rochas, a terra desolada,

sucatas, as inspirativas folhas de acanto,

tal um pintor cubista

analise todas as faces da coisa.

Se estiver convicto que viu tudo

ainda assim não desvie os olhos.

Deste momento em diante

você realmente começará a ver.

(Adele Webber)

RESUMO

O presente projeto tem como objetivo propor um roteiro turístico temático, voltado a Arqueologia Paranaense, englobando atrativos dos municípios de Ponta Grossa, Piraí do Sul e Tibagi, nos Campos Gerais do Paraná. Trata-se de um roteiro inovador, visto que não há, atualmente, algo semelhante sendo comercializado na região. Buscou-se através deste projeto, obter maior conhecimento a respeito do patrimônio arqueológico do Estado, bem como analisar as condições atuais de visitação nos atrativos estudados, buscando selecionar os locais que melhor se adequem ao objetivo do estudo. Para se chegar aos resultados desejados, realizou-se inicialmente uma pesquisa documental, seguida de entrevistas com pesquisadores e responsáveis pelas áreas analisadas. Através da combinação de todos os dados obtidos foi possível distinguir quais atrativos possuem potencial para a atividade turística, sendo viável a sua inclusão no roteiro temático. Dessa forma, foram selecionados os seguintes locais para compor a Rota da Arqueologia: Parque Estadual de Vila Velha, Abrigo Usina São Jorge, Vale do Eco e Parque Estadual do Quartelá. O roteiro busca proporcionar maior visibilidade à Arqueologia do Paraná, expondo a relevância dos atrativos, em âmbito histórico, natural e cultural, para que esses locais sejam conhecidos não somente por turistas, mas também pela própria comunidade local.

Palavras-Chave: Arqueoturismo. Campos Gerais. Pinturas rupestres. Patrimônio.

ABSTRACT

The project aims to propose a thematic tourist route, facing Paranaense Archaeology, involving attractive municipalities of Ponta Grossa, Piraí do Sul and Tibagi, in Campos Gerais of Paraná. It is an innovative route, since currently it is not possible to find something similar being marketed in the region. We sought through this project, to get more knowledge about the archaeological heritage of the state, as well as analyze the current conditions for visiting the attractions studied, trying to select the locations that best fit the purpose of the study. To get the desired results, was held initially documentary research, followed by interviews with researchers and responsible for the areas analyzed. By combining all the results it was possible to distinguish which attractive has potential for tourist activity, which suggests the inclusion in thematic guide. Thus, the following sites were selected for the Route of Archaeology: Parque Estadual de Vila Velha, Abrigo Usina São Jorge, Vale do Eco e Parque Estadual do Guartelá. The route seeks to provide greater visibility to the Archaeology of Paraná, exposing the relevance of the attractions in the historic, natural and cultural context, so these places are known not only for tourists but also the local community.

Keyword: Arqueoturismo. Campos Gerais. Cave paintings. Patrimony.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: ROTEIRO: Ponta Grossa - Tibagi - Piraí do Sul (Por Carro).....	34
Figura 2: Aproximação interna e externa - Análise SWOT	44
Figura 3: Cena dos Cervídeos Fonte: Grafismo Rupestre.....	48
Figura 4: Placa informativa - Abrigo Usina São Jorge.....	48
Figura 5: Taça - Parque Estadual de Vila Velha.....	68
Figura 6: Bota - Parque Estadual de Vila Velha	68
Figura 7: Pintura rupestre - Abrigo Usina São Jorge	69
Figura 8: Pinturas rupestres - Abrigo Usina São Jorge	69
Figura 9: Petróglifo - Vale do Eco	71
Figura 10: Pintura rupestre - Vale do Eco	71
Figura 11: Pinturas rupestres - Guartelá	72
Figura 12: Pintura rupestre - Guartelá.....	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Potencialidade Turística.....	40
Tabela 2: Pontos a analisar - Análise SWOT	43
Tabela 3: Potencialidade Turística - Parque Estadual de Vila Velha.....	52
Tabela 4: Potencialidade Turística - Sumidouro do Rio Quebra-Perna e Buraco do Padre ..	53
Tabela 5: Potencialidade Turística - Abrigo Usina São Jorge.....	54
Tabela 6: Potencialidade Turística - Parque Estadual do Guartelá	55
Tabela 7: Potencialidade Turística - Vale do Eco	56
Tabela 8: Análise SWOT - Parque Estadual de Vila Velha	56
Tabela 9: Análise SWOT - Abrigo Usina São Jorge	57
Tabela 10: Análise SWOT - Sumidouro do Rio Quebra-Perna e Buraco do Padre	57
Tabela 11: Análise SWOT - Parque Estadual do Guartelá.....	58
Tabela 12: Análise SWOT - Vale do Eco.....	59
Tabela 13: Custo total da execução do roteiro	73
Tabela 14: Custo do roteiro por passageiro.....	74
Tabela 15: Resumo das etapas do projeto	76
Tabela 16: Cronograma de execução.....	77
Tabela 17: Custo total do projeto	82
Tabela 18: Retorno do investimento.....	83

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	1
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	3
2.1	ARQUEOLOGIA E SUAS ÁREAS DE ESTUDO.....	3
2.1.1	Conceitos, áreas e objetos de estudo.....	3
2.1.2	Sítios, vestígios e descobertas arqueológicas.....	6
2.1.3	O estudo da Arqueologia no mundo.....	8
2.1.4	O estudo da Arqueologia no Brasil.....	11
2.2	ARQUEOLOGIA NO PARANÁ.....	12
2.2.1	A ocupação humana e as pesquisas arqueológicas no Sul do Brasil.....	13
2.2.2	Sítios Arqueológicos no Paraná.....	15
2.2.3	Sítios Arqueológicos nos Campos Gerais.....	17
2.3	TURISMO E TURISMO ARQUEOLÓGICO.....	19
2.3.1	Turismo.....	19
2.3.2	Turismo Arqueológico.....	21
2.3.3	Turismo Arqueológico no Brasil e no mundo.....	24
2.4	DIAGNÓSTICO, POTENCIALIDADE E ROTEIRIZAÇÃO DO TURISMO.....	27
2.4.1	Diagnóstico e potencialidade de destinações turísticas.....	27
2.4.2	O processo de Roteirização e Elaboração de Roteiros Turísticos.....	29
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	32
3.1	TIPO DE PESQUISA.....	32
3.2	TÉCNICAS DE PESQUISA.....	33
3.3	COLETA DE DADOS.....	37
3.3.1	Construção do instrumento de coleta dos dados.....	41
3.3.2	Tabulação e interpretação dos dados.....	42
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA.....	44
4.1	ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS.....	45
4.2	INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	59
5	PROJETO DE TURISMO.....	65
5.1	DESCRIÇÃO DA PROPOSTA DO PROJETO.....	65
5.2	ETAPAS PARA EXECUÇÃO DO PROJETO.....	75
5.2.1	Descrição das Etapas para a Execução do Projeto.....	75

5.2.2	Descrição dos Recursos Humanos envolvidos em cada etapa.....	79
5.2.3	Descrição do Orçamento e dos desembolsos por etapa	80
5.2.4	Avaliação do retorno do investimento	82
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
	REFERÊNCIAS	85
	APÊNDICE	93
	ANEXOS	94

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é voltado ao Turismo Arqueológico no Paraná, com a realização de um panorama dos sítios arqueológicos dos Campos Gerais, situados na região turística Cenários do Tempo, especificamente dos municípios de Ponta Grossa, Piraí do Sul e Tibagi, além da análise da potencialidade dos sítios para desenvolver a atividade turística.

Optou-se pelo tema em questão devido ao fato da grande quantidade de sítios arqueológicos existentes no Paraná, com destaque para a região dos Campos Gerais, sendo de grande importância estudá-los para que se faça um melhor uso dos sítios, conservando-os e possibilitando a turistas e comunidade um maior conhecimento a respeito da arqueologia paranaense.

Os sítios arqueológicos nos proporcionam uma vivência singular. É a volta ao passado, a reconstrução do cotidiano dos nossos antepassados e o conhecimento histórico e cultural proporcionado por fósseis, artefatos, gravuras e pinturas rupestres que tornam o turismo arqueológico uma opção diferenciada e surpreendente para o turista.

O Turismo Arqueológico, ou Arqueoturismo, pode ser encontrado em diversas partes do mundo, possuindo exemplos muito famosos, como Egito, México e Peru. No Brasil, a atividade já é praticada com destaque em locais como a Chapada Diamantina, na Bahia, a Serra da Capivara, no Piauí, e na Ilha do Campeche, em Santa Catarina, por exemplo.

O presente trabalho se desenvolverá em três municípios dos Campos Gerais do Paraná: Tibagi, Piraí do sul e Ponta Grossa, que possuem, ao todo, cinco sítios arqueológicos catalogados pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), além de outros que não se encontram no cadastro do Instituto. Não há um número exato de sítios arqueológicos não catalogados existentes nessa região. As informações sobre os mesmos foram obtidas através de estudos feitos por pesquisadores dos Campos Gerais e de outras partes do Paraná, como Fabiana Terhaag Merencio, Alessandro Chagas Silva, Mário Sérgio de Melo e Claudia Inês Parellada, por exemplo.

A escolha pelo estudo do Arqueoturismo no Paraná surge do interesse em descobrir mais a respeito do passado, além de acreditar-se que é de

extrema importância valorizar o que há ao nosso redor. É importante que sejam feitos estudos nessa área para que a própria população paranaense conheça mais a história do seu Estado, descobrindo assim quão vasta é a cultura e a tradição dos povos antigos.

Considerando o exposto, propõe-se como problema da pesquisa descobrir se os sítios arqueológicos da região dos Campos Gerais possuem potencialidade para desenvolver a atividade turística, sendo o objetivo geral do estudo analisar essa potencialidade com a finalidade de propor um roteiro turístico integrando os sítios de maior relevância.

Para tal, definiram-se objetivos específicos, tais como: identificar os sítios arqueológicos existentes nos Campos Gerais, especificamente nas cidades de Ponta Grossa, Piraí do Sul e Tibagi; verificar se esses sítios já possuem fluxo de visitantes e compreender o modo com que o turismo é desenvolvido; analisar o potencial dos sítios, verificando a disponibilidade de equipamentos e serviços turísticos; e buscar subsídios para propor um roteiro turístico integrando os sítios arqueológicos com maior relevância na região.

Apresenta-se a seguir a Revisão de Literatura, abordando conceitos relacionados à Arqueologia, Turismo, Arqueoturismo (ou Turismo Arqueológico), elaboração de roteiros e potencialidade turística. Descreve-se também a metodologia que será utilizada para a realização da pesquisa, juntamente com o cronograma das atividades e breves considerações sobre os resultados que se pretende obter.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Expõe-se a seguinte revisão de literatura, onde serão abordados conceitos relevantes para a melhor compreensão do tema. Faz-se necessário buscar informações a respeito de determinados assuntos, para que se possa atingir os objetivos propostos, assim como obter um embasamento teórico adequado, para que seja possível realizar o restante da pesquisa. Para tal, serão explanados conceitos e informações relacionados principalmente a Arqueologia e Turismo, além da relação entre eles e das diversas áreas que os mesmo abrangem.

2.1 ARQUEOLOGIA E SUAS ÁREAS DE ESTUDO

A Arqueologia está voltada, basicamente, ao estudo do que é antigo. Por meio de pesquisas e descobertas dos arqueólogos é possível voltar ao passado, compreender culturas e civilizações e recontar histórias. Novas descobertas são feitas a todo tempo, sejam elas por meio de escavações ou até mesmo acidentais, pois, segundo o Instituto de Arqueologia Brasileira, hoje em dia, quanto mais os grandes empreendimentos e as grandes obras mexem e remexem o solo, mais pedaços do passado vão aparecendo.

As escavações feitas no Egito, por exemplo, também apresentam grandes surpresas a cada ano. Prova disso é a última descoberta dos arqueólogos. De acordo com notícia da Agência de Notícias Estatal Mena, divulgada no *website* G1, cerca de 50 múmias foram encontradas no Vale dos Reis, em abril de 2014, juntamente com tumbas, caixões e máscaras mortuárias. Esses fatos mostram que a Arqueologia está sempre proporcionando novas maneiras de conhecer o passado, com novos fatos que comprovam histórias e teorias.

2.1.1 Conceitos, áreas e objetos de estudo

São várias as ciências que buscam compreender melhor a história e a cultura de civilizações e povos antigos. Dentre elas está a Arqueologia, palavra

derivada do grego que significa “conhecimento dos primórdios” ou “relato das coisas antigas” (Funari, 1988). Essa área estuda “os sistemas socioculturais, sua estrutura, funcionamento e transformações com o decorrer do tempo” (Funari, 1988) levando sempre em conta as mudanças da vida humana.

É possível encontrar diferentes definições para a Arqueologia, pois, devido a sua multidisciplinaridade, alguns autores divergem quanto às suas teorias. De acordo com Funari (2007), alguns a consideram uma técnica, enquanto outros preferem considerá-la uma ciência; já certos autores defendem que a mesma é uma disciplina auxiliar de uma ciência interpretativa maior, como a História ou a Antropologia, por exemplo.

A Arqueologia abrange diversas áreas de estudo, pois tenta compreender e explicar principalmente o passado, mas também o presente. E para isso, é necessário que o conhecimento seja expandido, pois “apesar de ser uma ciência independente, a Arqueologia utiliza-se de outras ciências para realizar suas interpretações e, nesse sentido, a História é vital.” (Peixoto, *apud* Funari *et al.*, 2009, p. 91)

É importante destacar que a arqueologia desenvolveu-se muito mais tarde do que a História e, desde o início foi assimilada à Pré-História (Funari, 1998). Segundo o mesmo autor, o estudo da cultura material histórica, foi feito por muito tempo por não arqueólogos, principalmente por historiadores e arquitetos, sendo que, na América do Sul, esse quadro só veio a mudar por volta da década de 1980.

Um dos resquícios mais conhecidos pelo senso comum são as pinturas rupestres, consideradas “parte integrante do sistema comunicativo de uma civilização” (Alves, 2009). Trata-se de figuras traçadas com os dedos nas paredes úmidas das cavernas, feitas com carvão e pigmentos terrosos, com linhas simples e traços firmes, com a finalidade de representar animais, seres humanos, desenhos geométricos, plantas, entre outros (Alves, 2009). Esses registros rupestres retratam o cotidiano do homem primitivo, pois

para garantir a própria sobrevivência, o ser humano tem a capacidade de transitar pelas várias regiões do planeta. Onívoro, característica que lhe confere determinadas vantagens frente a outros animais, é capaz de preservar sua espécie e defender-se frente aos desafios, na maioria das vezes hostis, impostos pela natureza. Trata-se de uma saga que vem sendo registrada nestes milênios que o contemplam. Uma saga também contada através de desenhos que retratam seu

cotidiano ritualístico e mágico, mostrando, entre outros, seus cultos e sua labuta diária. Essa capacidade permite que o ser humano se imponha enquanto registro de sua existência, sendo capaz de deixar suas marcas através das transformações que lapida na natureza e, conseqüentemente, deixando-se afetar pelas interferências produzidas. (ALVES, 2009, p. 61)

“As pinturas rupestres são tão antigas quanto qualquer vestígio existente de habilidade humana” (Alves, 2009), evidenciando que a comunicação gráfica pode ser observada desde as civilizações arcaicas. Devido a esse fato, é importante salientar também que não somente objetos, gravuras e fósseis humanos ou animais são importantes para a Arqueologia. Existe também o estudo das civilizações através da escrita.

A Arqueologia das sociedades com escrita tem uma grande tradição na disciplina, em particular no estudo das grandes civilizações fundadoras do “Ocidente”, como as Arqueologias Clássica, Bíblica, Egípcia e Médio Oriental. (FUNARI, 2007, p. 27)

A escrita é uma excelente forma de conhecer e identificar uma civilização, sendo que os primeiros vestígios de criar uma tentativa de comunicação foram as inscrições gráficas (desenhos e pinturas rupestres).

As mais antigas datam de 30 mil anos a.C. Mas tais achados, não só em cavernas, mas em rochas, pedras, objetos, constituíram rudimentos da escrita, não ainda um sistema organizado e completo. (COELHO NETO, 2008, p. 17)

Segundo Horcades (2007), as formas de escrita mais antiga encontradas, foram as plaquetas de barro do templo da cidade de Uruk, antiga cidade da Suméria (posterior Babilônia) com listas de cereais e cabeças de gado. De acordo com o autor havia também a escrita cuneiforme, feita pelos sumérios com cunhas de diferentes formas pressionados sobre o barro mole. Essa escrita foi adotada posteriormente pelos babilônios, assírios, elamitas e hititas (Horcades, 2007).

Os egípcios também desenvolveram sua escrita pictográfica, os hieróglifos, que era pintada em papiro ou gravada em relevo em materiais duros ou em barro mole. Hieróglifo, em grego, significava gravar textos sagrados. Os pictogramas egípcios podiam representar sílabas, letras e até palavras. (HORCADES, 2007, p. 19)

O estudo da escrita é, com certeza, uma das formas mais eficientes de se reconstruir o passado, pois “através do texto, das palavras, verbais ou não-

verbais, somos capaz de lembrar” (Ribeiro, *apud* Funari et al., 2009). Os objetos e locais onde foram encontrados algum tipo ou indício de escrita, sejam eles pedras, papiros, pedaços de madeira ou barro, constituem vestígios arqueológicos importantes para a compreensão da história das civilizações, como pode ser observado a seguir.

2.1.2 Sítios, vestígios e descobertas arqueológicas

A Arqueologia desenvolve suas pesquisas e teorias através do estudo de objetos, de coisas em si, que foram criadas pelo homem, e que se transformam em fatos.

Consideramos vestígios arqueológicos todos os indícios da presença ou atividade humana em determinado local. Para se inserir tais vestígios no contexto ecológico (clima, vegetação, fauna, proximidade da água), é preciso preocupar-se também com os restos indiretamente ligados ao homem, mas que revelam em que condições ele estava vivendo. (PROUS, 1992, p. 25)

Os locais onde esses objetos ou vestígios são encontrados são denominados sítios arqueológicos. De acordo com a FUMDHAM (2006) os mesmos são locais nos quais os homens que viveram antes do início de nossa civilização deixaram marcas de suas atividades, que podem ser artefatos, pinturas, sepulturas ou até mesmo marca de passos.

Os sítios arqueológicos são aqueles locais em que são encontradas evidências materiais (tais como artefatos ou fragmentos destes, estruturas arquitetônicas, sepultamentos, fogueiras, ruínas, entre outras) resultantes de antigas ou relevantes ocupações realizadas por populações humanas, sejam duradouras ou temporárias, antigas ou mesmo mais recentes. (KLAUS HILBERT, s.d.)

Após a descoberta desses vestígios nos sítios arqueológicos, é preciso que seja feita a datação dos mesmos. Os principais métodos utilizados são o Carbono-14 e a Termoluminescência (FHUMDHAM, 2006). Todo esse processo é necessário para que se possa obter o maior número de informações possíveis a respeito dos artefatos coletados, compreendendo a história e a cultura que aquele vestígio carrega.

São vários os exemplos de sítios arqueológicos que podem ser encontrados ao redor do mundo. Segundo Bruzzone (2013), alguns deles,

inclusive, são de grande relevância, sendo visitados por milhões de pessoas, como Machu Picchu, no Peru, que guarda vestígios da civilização Inca; Pompéia, na Itália, que revela marcas de uma civilização encoberta por lavas do vulcão Vesúvio em 79 d.C.; Chichenitzá, no México, importante sítio da civilização Maia; Ruínas de São Miguel Arcanjo, no Brasil, com ruínas jesuíticas construídas entre os séculos XVII e XVIII; Petra, na Jordânia, com monumentos e construções talhados na rocha das montanhas; entre outros.

É importante ressaltar essa questão dos vestígios e dos sítios arqueológicos, pois é preciso algo concreto para que se possam obter informações relevantes sobre um povo que viveu em algum local específico em determinada época, pois, conforme afirma Funari (1988), a Arqueologia tem como “objetivo a compreensão das sociedades humanas e, como objeto de pesquisa imediato, objetos concretos”. Em suma, pode-se afirmar que “ela tenta explicar o que aconteceu com grupos humanos específicos, no passado” (Trigger, *apud* Funari 1998, pag. 8), levando sempre em conta as mudanças culturais que ocorrem ao passar do tempo.

Na maioria dos casos, os objetos antigos encontrados pelos arqueólogos são descobertos através da escavação do solo. São vários os exemplos de escavações em que foram feitas grandes descobertas de fósseis, objetos, pergaminhos e documentos. Em janeiro de 2014, conforme notícia publica no Jornal Estadão, arqueólogos egípcios e norte-americanos encontraram a tumba de um faraó até então desconhecido pelos pesquisadores.

No Brasil também foram feitas importantes descobertas recentemente. De acordo com a publicação do G1, em setembro de 2013 foram encontrados cerca de 200 mil objetos, alguns datados do século XVII, debaixo de um terreno no centro do Rio de Janeiro, sendo que entre eles estavam alguns pertences da Família Real Portuguesa, além de porcelanas, frascos de vidro e embalagens de produtos de higiene pessoal.

Essas descobertas permitem uma análise muito mais profunda do que somente a observação de um artefato em si. Conforme afirma Peixoto, *apud* Funari *et al.* (2009), o arqueólogo busca não apenas listar objetos mas, através deles, descobrir o universo dos homens e das suas realizações sociais. E é nesse ponto que se observa a necessidade de integração com outras ciências,

para que as tradições históricas e culturais possam ser reformuladas e reconstituídas.

A Arqueologia possibilita, além da descoberta de tradições e informações a respeito de algo, preservar a cultura dos povos. Esse aspecto é muito valorizado pelos pesquisadores, visto que

com a globalização, existe uma preocupação de que as identidades culturais tendam a desaparecer, que exista a ameaça de uma homogeneização da identidade dos povos. (RIBEIRO, *apud* FUNARI *et al.*, 2009, p. 105)

Com a descoberta e a preservação de artefatos, objetos, documentos e até mesmo fósseis humanos e animais, é possível manter a história e a cultura de civilizações antigas, presentes no mundo de hoje. É indiscutível que o patrimônio arqueológico “agrega valores culturais, identitários e, muitas vezes, de poder” (Ribeiro, *apud* Funari *et al.*, 2009).

2.1.3 O estudo da Arqueologia no mundo

O estudo da arqueologia em todo o mundo teve diversas variações ao longo do tempo. Observa-se também uma diversidade em relação a diferentes continentes e países. Conforme análise de Costa (2010), o estudo iniciou-se na arqueologia clássica, ramificando-se em arqueologia das províncias romanas, bizantina, medieval e pós-medieval.

A arqueologia clássica, segundo Costa (2010), surge por volta do século XVII como um estudo que fornecia modelos estéticos e morais para o presente. O período grego e romano era entendido como uma busca pela beleza, filosofia e democracia. Entretanto, com o crescimento das perspectivas de evolução e de um nacionalismo se fortalecendo, o interesse nos períodos clássicos muda, e as escavações arqueológicas passam a ser controladas pelas potencialidades europeias (Costa, 2010).

De acordo com Costa (2010), a arqueologia medieval também foi bastante praticada na Europa, sendo encontrada nas regiões que não tiveram ocupação Romana, como a Alemanha, Suécia, Escandinávia e em toda a Europa Oriental. O interesse na arqueologia medieval eleva-se por volta do

século XVIII, devido aos estudos de restauração das construções góticas, o que mantém o foco nas questões arquitetônicas. O crescimento dessa área da arqueologia ocorreu somente após a segunda guerra mundial, onde a disciplina foi institucionalizada e teve sua profissionalização (Costa, 2010).

Em relação à arqueologia pós-medieval, Costa (2010), afirma que a mesma nasceu na Inglaterra, com a atenção voltada às louças. Geralmente, essas pesquisas eram conduzidas por colecionadores, que investigavam suas antigas fábricas. Na Alemanha essa área teve um crescimento tardio, focando nos estudos sobre os centros urbanos e sobre a indústria da louça e do vidro. Na França, a arqueologia pós-medieval utiliza-se de uma visão mais regionalista. A Itália foi o único país Europeu, com exceção da Inglaterra, que teve seus estudos centralizados na arqueologia urbana e renascentista (Costa, 2010).

Já no Oriente Médio e na África, a arqueologia é um mosaico formado pela assiriologia, arqueologia bíblica, islâmica e egiptologia (Costa, 2010). De acordo com o autor, a arqueologia na Mesopotâmia, hoje Iraque, nunca teve um grande impacto nos europeus, embora muitos viajantes tenham passado por essa área nos séculos XVII e XVIII, sendo que, somente no final do século XIX alguns diplomatas iniciaram escavações no local. A Arqueologia bíblica iniciou-se no Oriente Médio por volta do século XVIII, com o estudo de paisagens e ruínas. O objetivo era investigar apenas referências citadas em documentos religiosos, como Jericó, por exemplo (Costa, 2010).

Conforme afirma Costa (2010), foi através da arqueologia egípcia que diversos monumentos e inscrições foram registrados e milhares de artefatos encontrados. A grande fase da arqueologia egípcia veio no século XX, com a descoberta da tumba de Tutancâmon e o busto de Nefertiti. Além disso, uma onda de escavações estrangeiras começou a surgir promovida por arqueologias empresariais. Atualmente a arqueologia no Egito foca na desconstrução de mitos e incorporação de textos aos achados arqueológicos (Costa, 2010).

Costa (2010) trata também sobre o restante do continente africano. Segundo o mesmo, esses estudos na África subsaariana tiveram uma distribuição irregular, sendo que os principais estudos sempre tiveram como principal objetivo as investigações pré-históricas. Somente após a década de

1950 a tradição oral africana começou a ser analisada e estudada como fonte histórica. Nos anos de 1960 houve algumas escavações patrocinadas pelos estados africanos. Os últimos trabalhos realizados na região foram sobre as evidências de escrita na Núbia e no Império Aksum e sobre as cidades reais do século IX, na costa leste (Costa, 2010).

Na Ásia o estudo da arqueologia foi marcado pela atuação estrangeira, principalmente europeia e norte-americana (Costa, 2010). Segundo o autor, a arqueologia indiana existe desde o século XVI, com as descrições de monumentos hindus, principalmente templos e cavernas, feitas por viajantes europeus. Com a descoberta das cidades de Mojendora e Arapa em 1920, a arqueologia começou a se modificar e se fortalecer (Costa, 2010).

Conforme Costa (2010) afirma, a arqueologia chinesa propriamente dita inicia-se tardiamente, com o retorno de estudantes que haviam se especializado na Europa e nos Estados Unidos, por volta de 1920. Em 1949, com a criação da República Popular da China, a arqueologia passa a ser patrocinada e controlada pelo estado. A arqueologia japonesa teve início semelhante à chinesa, sendo que, somente após 1871, com a criação do museu nacional em Tóquio, a mesma foi definitivamente implantada (Costa, 2010).

Nas Américas os estudos sobre os Maias, Incas e Astecas foram o pontapé inicial para as pesquisas arqueológicas (Costa, 2010). Segundo o autor, em 1840 pesquisadores europeus e norte-americanos iniciaram a exploração do México, buscando cidades perdidas ou não destruídas, inaugurando em 1826, um museu na Cidade do México. Na América do Norte a arqueologia é observada mais fortemente no período pós-colonização europeia (Costa, 2010).

Na América do Sul, conforme afirma Costa (2010), o destaque é para o Peru, Uruguai, Argentina e Brasil. No Peru, com a sua independência política em 1821, houve a criação de um museu nacional em 1826 e a exibição de diversos achados arqueológicos em Lima. Durante parte do século XIX a arqueologia no país foi marcada pela caça ao tesouro. Na Argentina o início dos estudos foi em cidades coloniais, com pesquisas sobre as missões Jesuíticas e a arqueologia urbana em Buenos Aires e Córdoba. E no Uruguai a

arqueologia esteve relacionada à construção de uma identidade nacional, utilizando-se de abordagens extremamente descritivas (Costa, 2010).

2.1.4 O estudo da Arqueologia no Brasil

Quando se fala no estudo da arqueologia no Brasil, deve-se levar em conta que as primeiras obras que apresentam informações aproveitáveis para o arqueólogo não oferecem estudos específicos (Prous, 1992), principalmente levando em conta a cultura indígena. Algumas pesquisas se iniciaram no século XIX, com a instalação da Corte Portuguesa no Brasil, onde houve

a necessidade de se conhecer melhor o país, a fim de facilitar uma exploração mais diversificada, segundo uma ótica que já não é mais colonial, valoriza às explorações sistemáticas, que não são mais privilégio de bandeirantes interessados somente em ouro ou pedras preciosas, mas são realizadas por naturalistas, geralmente europeus, vez por outra a serviço de diversos governos, e que se empenham com paixão no estudo tanto da natureza virgem quanto das populações indígenas. (PROUS, 1992, p. 5)

As primeiras entidades oficiais destinadas a ter um papel importante na arqueologia brasileira foram derivadas do interesse de D. Pedro II pela antropologia (Prous, 1992). Segundo Prous (1992), o monarca enriqueceu o Museu Nacional com coleções de materiais europeus e africanos de algumas das primeiras escavações pré-históricas realizadas no mundo.

Quanto à descoberta de sítios arqueológicos e a presença do homem no Brasil, deve-se levar em conta que os homens pré-históricos dependiam extremamente das condições geográficas em relação a suas andanças, a seu tipo de alimentação e à fabricação dos instrumentos necessários a sua sobrevivência (Prous, 1992).

O clima e as condições geográficas interferem também nas condições de conservação dos fósseis e vestígios arqueológicos. Segundo Prous (1992) devido ao fato de o território brasileiro estar em parte situado em zona tropical úmida, as condições de conservação dos vestígios e de proteção dos sítios são medíocres.

A acidez dos solos tropicais provoca o desaparecimento de numerosos microfósseis e dos ossos em poucos em poucos séculos.

Os ossos humanos não são preservados nas terras vermelhas comuns. Os mais duráveis, como os dentes, mal resistem a um milênio, o que explica o fato de que sabemos tão pouco sobre o físico das populações ceramistas recentes, cujas urnas funerárias foram encontradas aos milhares. Só puderam ser estudados esqueletos de sambaquis (conservados em lentes de conchas, portanto, em meio básico) e da raça de Lagoa Santa, conservados em lapas calcárias com níveis ricos em carbonatos, ou até lapas de rochas ácidas. (PROUS, 1992, p. 32)

Através disso, pode-se imaginar a grandeza e a quantidade de vestígios que se é perdido devido à ação do tempo e as condições climáticas. Apesar das centenas de descobertas feitas a cada ano, muitos fósseis desaparecem antes mesmo de ser encontrados e estudados (Prous, 1992).

Existem alguns órgãos responsáveis por promover pesquisas na área da Arqueologia, realizar escavações, catalogar e cadastrar sítios e vestígios arqueológicos, além de protegê-los e conservá-los. Um exemplo é o Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB), que tem como missão a dedicação integral a pesquisa, o ensino e a divulgação da arqueologia do país. Há também a Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), uma associação civil de caráter científico, que busca congrega arqueólogos e demais especialistas dedicados ao estudo e as pesquisas na área, com a finalidade de promover o conhecimento relacionado à arqueologia e ao patrimônio arqueológico. É importante destacar também o Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos, desenvolvido pelo IPHAN, que apresenta um detalhamento técnico dos sítios cadastrados.

Percebe-se quão vasta é a área de estudo da arqueologia. Através dela é possível fazer uma conexão entre o passado e o presente, reescrevendo histórias, preservando culturas e tradições e conhecendo mais sobre antigas civilizações que agregam tanto valor e conhecimento aos dias de hoje.

2.2 ARQUEOLOGIA NO PARANÁ

A Arqueologia do estado do Paraná guarda vestígios de civilizações que existiram há mais de 12 mil anos, como os Jê, Tupi-guarani, Umbu, Humaitá, entre outros. É possível observar sua cultura através de peças de cerâmica, lanças, adornos, sambaquis e até sepulturas, além das gravuras e pinturas rupestres. Essas últimas são encontradas predominantemente na

região dos Campos Gerais, concentradas em abrigos e cavernas (Parellada, s.d.).

2.2.1 A ocupação humana e as pesquisas arqueológicas no Sul do Brasil

As pesquisas arqueológicas no Brasil vêm se intensificando com o passar dos anos. No Sul do Brasil esses estudos começaram há cerca de 140 anos (Noelli, 1999). Segundo o autor os três estados pertencentes a essa região formam a área brasileira mais conhecida arqueologicamente, com aproximadamente 3.500 sítios localizados, além de um quadro cronológico que se inicia há cerca de 12.000 anos.

A respeito da ocupação humana no sul do Brasil, Noelli (1999) afirma que a área foi ocupada em todos os seus espaços, por três levas de grupos humanos. A primeira delas ocupou a região há cerca de 12.000 anos, sendo que os registros arqueológicos dessas populações são chamados de Tradição Umbu e Tradição Humaitá. O que se destaca nesses povos é a estabilidade no uso de matéria-prima, na organização social e na forma de ocupação do espaço. Porém, essa estabilidade começou a ser alterada devido à invasão de outras duas levas de populações ceramistas e agricultoras, vindas de locais diferentes, há aproximadamente 2.500 anos. A primeira, conhecida como Tupi, é originária da Amazônia, e a outra, chamada Macro-Jê, veio do Centro-Oeste do Brasil. Ambas trouxeram consigo a ideia do manejo agroflorestal e da adaptabilidade, o que diferiu de forma significativa dos primeiros habitantes da região (Noelli, 1999).

Falando especificamente da ocupação do território paranaense, a arqueóloga Claudia Parellada (s.d.) afirma que os primeiros habitantes do estado são originários das áreas andinas e amazônicas. Esses povos praticavam a pesca e a caça, sendo esta principalmente de aves e pequenos mamíferos. Utilizavam armadilhas, arpões e flechas com pontas de osso, madeira e pedra. Vestígios relacionados a essas práticas foram encontrados no sítio arqueológico Ouro Verde, um dos mais antigos do Paraná, situado no vale do Rio Iguaçu (Parellada, s.d.).

Devido ao clima tornando-se cada vez mais quente e úmido, grupos diferentes de caçadores e coletores migraram para o Paraná e ocuparam os vales do Iguaçu, do Ivaí, do Tibagi e do Paraná, além de topos de morros, abrigos rochosos e também a área litorânea. São os povos Umbu, Humaitá e Sambaqueiros.

Encontram-se no Paraná os sambaquis, que são aterros elaborados por diferentes populações pré-coloniais, formados por conchas de moluscos e gastrópodos, além de ossos de animais, restos alimentares, entre outros. Esses sambaquis eram utilizados como centros cerimoniais, inclusive associados a sepultamentos (Parellada, s.d.). Existem também os sambaquis fluviais, que são aqueles com vestígios relacionados à gastrópodos terrestres encontrados próximos a grandes rios. Isso pode ser observado no planalto, no vale do Ribeira, por exemplo (Parellada, s.d.).

De acordo com Parellada (s.d.) os povos Umbu e Humaitá eram nômades e, muitas vezes, deixavam registros através de gravuras, pinturas e/ou esculturas em rochas. Grande parte das pinturas rupestres do Paraná encontra-se em abrigos e cavernas na região dos Campos Gerais (Parellada, s.d.). Alguns vestígios arqueológicos do estado podem ser observados no Museu Paranaense. São aproximadamente mil peças contextualizadas com painéis e maquetes, que permitem uma viagem na história do Paraná, e contam um pouco sobre a cultura dos povos Umbu, Humaitá e Sambaqueiros (Parellada, s.d.).

Em relação aos agricultores e ceramistas, Parellada (s.d.) afirma que os mesmos chegaram ao estado há cerca de quatro mil anos, vindos do planalto central brasileiro. Conhecidos como Itararé-Taquara, ancestrais dos indígenas Jê, moravam em aldeias de aproximadamente 300 habitantes, divididos em cerca de seis casas comunitárias. Plantavam milho, amendoim, feijões e abóboras, além de realizar a colheita de mel, pinhão e outros frutos. Construía aterros para os sepultamentos ou faziam um processo de cremação. Alguns cemitérios ficam junto a cavernas e abrigos rochosos, considerados áreas sagradas, onde eram feitas pinturas e gravuras (Parellada, s.d.).

Também migrou para o estado o povo Tupiguarani, vindos da Amazônia e ocupando primeiramente o norte e o oeste do Paraná, e mais tarde

o planalto curitibano e o litoral. Eram também agricultores, moravam em aldeias com casas comunitárias e produziam peças em cerâmica. O sepultamento dos mortos era feito em vasilhames cerâmicos, sendo que o mesmo geralmente pertencia ao morto, e tinha como funções anteriores armazenar grãos e preparar alimentos (Parellada, s.d.). Além disso, Parellada (s.d.) destaca a ocupação espanhola no território paranaense, com a fundação de algumas cidades e o acontecimento de alguns conflitos nas terras do Paraná.

2.2.2 Sítios Arqueológicos no Paraná

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) criou um Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA/ SGPA), que apresenta sítios de todo o Brasil, incluindo detalhes técnicos e filiação cultural de cada um desses sítios. O foco deste estudo são os sítios arqueológicos do estado do Paraná, especialmente os da região dos Campos Gerais. Segundo o Cadastro Nacional do IPHAN, o Paraná conta, atualmente, com 1.312 sítios catalogados, distribuídos por todo o estado. É possível observar com mais clareza a quantidade e distribuição dos sítios no Estado, pelo mapeamento desses locais (Anexo I).

É grande no Estado a presença de sítios arqueológicos com pinturas rupestres. De acordo com Parellada (s.d.) são conhecidos atualmente cerca de 70 locais que abrigam esses vestígios. Segundo a autora, os primeiros estudos sistemáticos em abrigos com gravuras rupestres foram desenvolvidos pelos arqueólogos franceses Laming e Emperaire, em 1956, nas cidades de Piraí do Sul e Tibagi. Conforme a autora a maioria dos abrigos está localizada nos vales dos rios Iapó e Tibagi, e seus afluentes, no alto do rio Ribeira, nos vales dos rios das Cinzas, Jaguaricatu e Itararé, e na escarpa de São Luiz do Purunã.

Essas gravuras rupestres encontradas no Estado têm as mais diferentes representações.

São, geralmente, figuras de animais associadas a sinais geométricos, além de seres humanos, em tons vermelhos, marrons e preto, e muito raramente, em amarelo. Alguns animais foram representados em fila, de perfil, associados a grades, e vistos de cima ou de frente. Em vários abrigos existem pinturas geométricas abstratas, como pontos,

círculos e linhas mais recentes, que sobrepõem figuras de animais, geralmente em vermelho e marrom. Parte dessas pinturas e gravuras rupestres no Paraná, com datação entre quatro mil e trezentos anos atrás, parecem estar relacionadas a povos Itararé-Taquara, ou seja, grupos Jê (PARELLADA, 2009, p. 5).

De acordo com Parellada (2009) nas gravuras rupestres estudadas no Paraná, já foram analisados vestígios de pigmentos intemperizados, o que significa que parte delas eram pintadas, ou havia pinturas associadas a elas. Segundo a autora, devido ao fato das pinturas ocorrerem em afloramentos de rocha a céu aberto, elas são mais suscetíveis às ações do tempo. Grande parte das pinturas rupestres do estado encontra-se nas paredes e nos tetos dos abrigos, geralmente em locais com entrada de luz. Porém, pode-se encontrar sítios em abismos, como o abrigo do Mariano, por exemplo, no município de Jaguariaíva, e pinturas que só poderiam ser feitas com o auxílio de luz artificial e estruturas de elevação, como é o caso de Piraí do Sul, que possui parte das pinturas do abrigo São José da Lagoa 2 a quase 4 metros de altura (Parellada, 2009).

O Norte do Paraná apresenta uma rica área com a presença de sítios arqueológicos, na bacia do Rio das Cinzas, região formada por 34 municípios, sendo que destes, somente oito possuem sítios cadastrados no CNSA (Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos), somando um total de 69 sítios arqueológicos (Carten e Mota, 2009). Segundo Carten e Mota (2009) a pesquisa arqueológica nessa região ainda é muito precária, com poucas publicações e informações atualizadas, o que causa uma lacuna quando se fala a respeito da ocupação humana da bacia do Rio das Cinzas.

Já na região sul do estado, observa-se a presença das ocupações Jê meridionais, em formas diferentes dessa mesma ocupação no restante do Paraná. Segundo Souza e Merencio (2013), no baixo Rio Piquiri (no entorno dos municípios de Ubatã e Campina da Lagoa) e no médio Rio Iguaçu (próximo a Cruz Machado), houve maior densidade demográfica e sedentarismo do que nas outras áreas do estado, fato evidenciado pela quantidade e densidade de estruturas semi-subterrâneas (ou casas subterrâneas), além da emergência de estruturas sócio-políticas hierárquicas, evidenciadas através das diferenças nos montículos funerários e nas dimensões e posicionamento das estruturas semi-subterrâneas.

2.2.3 Sítios Arqueológicos nos Campos Gerais

O foco do presente estudo se dará na região dos Campos Gerais, especificamente nos municípios de Ponta Grossa, Tibagi e Piraí do Sul. Essa região é bastante rica em se tratando de vestígios arqueológicos. Segundo Silva, Melo e Parellada (2006) um bom exemplo disso é a região do Sumidouro do Rio Quebra – Perna, que apresenta um conjunto de fatores naturais que tornam o local singular, sendo elas: feixes de falhas geológicas paralelas, escarpados em arenitos da Formação Furnas, lapas com paredes e tetos rochosos, rio encachoeirado, sumidouros, ressurgências, matas ciliares e campos limpos.

Situada cerca de 25 km a leste-sudeste do centro da cidade de Ponta Grossa, no centro-leste do Estado do Paraná, apresenta ainda vários sítios arqueológicos, sendo o principal deles o aqui denominado abrigo sob rocha do Sumidouro do Rio Quebra-Perna, localizado na margem direita do rio, junto ao sumidouro. Este abrigo apresenta teto rochoso com um painel com cerca de 4m² contendo várias pinturas rupestres, às vezes superpostas, em pigmento vermelho, representando principalmente cervídeos, atribuíveis à Tradição Planalto. Sítios análogos são muito comuns na região da Escarpa Devoniana, que limita o Segundo Planalto Paranaense. (SILVA, MELO, PARELLADA, 2006, p. 23)

A região de Ponta Grossa apresenta outros locais importantes para a área da arqueologia. O Abrigo Usina São Jorge é mais um exemplo relevante. É representado por duas lapas conjugadas que são sustentadas por arenito da Formação Furnas, junto ao vale do Rio Pitangui, a aproximadamente 15 km a nordeste de Ponta Grossa.

A lapa sudoeste apresenta painéis de pinturas rupestres com figuras humanas, de animais e geométricas. A lapa norte possui painéis com pinturas monocromáticas de cervídeos e aves, atribuíveis à Tradição Planalto. A ocorrência de vários sítios com pinturas rupestres no vale do Rio Pitangui sugere que este constituía via de comunicação entre o Primeiro e o Segundo Planalto Paranaense para grupos humanos pré-históricos. Embora frequentemente se faça referência à existência de pinturas rupestres nas proximidades da cidade de Ponta Grossa, existem pouquíssimos dados sobre elas. (SILVA, MELO, PARELLADA, 2007, p.25)

Essa ausência de informações a respeito das pinturas rupestres e dos demais vestígios arqueológicos colabora para a degradação e depredação

desse patrimônio, provocando a perda de dados valiosos para a arqueologia e a antropologia, além de outras áreas de estudo (Silva, Melo, Parellada, 2007).

Como já mencionado anteriormente, o enfoque do presente trabalho se dará nos municípios de Ponta Grossa, Piraí do Sul e Tibagi, com o interesse em descobrir mais a respeito do passado, visto que a Arqueologia proporciona essa viagem no tempo e através dela pode-se reviver culturas, tradições e costumes. É possível recriar a vivência de um povo, mantendo viva a história e possibilitando maior conhecimento a respeito do mundo em que vivemos e que outrora fora habitado por tantas outras civilizações. Optou-se pelo estado do Paraná, pois acredita-se que é de extrema importância valorizar o que há ao nosso redor. A região dos Campos Gerais foi escolhida devido ao fato da grande quantidade de sítios arqueológicos que ali podem ser encontrados e da proximidade entre as cidades selecionadas para este estudo, já mencionadas acima.

De acordo com o Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos desenvolvido pelo IPHAN, no município de Ponta Grossa, existem três sítios catalogados, sendo eles: Lavrinha, Abrigo sob Rocha Cambiju e Abrigo Morro do Castelo. Em Piraí do Sul observam-se dois sítios cadastrados: Caxambu e Abrigo das Bromélias. As cidades contam ainda com outros sítios arqueológicos com representatividade significativa, que não se encontram no Cadastro Nacional do IPHAN, mas que serão abordados mais a frente, com maiores informações e detalhamento.

Em Tibagi, não são encontrados sítios arqueológicos cadastrados. Porém, deve-se destacar um local com grande representatividade: o Parque Estadual do Guartelá. Ele foi criado em 1992 e é constituído por canyons, cachoeiras e formações rochosas. É onde está localizado o Canyon do Rio Iapó ou Canyon Guartelá, considerado o 6º maior do mundo em extensão, além de ser o único com vegetação nativa. Além disso, pode-se encontrar traços deixados por indígenas, jesuítas e tropeiros. As marcas desses povos estão registradas em pinturas rupestres feitas nas rochas, que contam um pouco mais a respeito dos primeiros habitantes desse local (Prefeitura de Tibagi).

Pelo Cadastro Nacional é possível obter informações detalhadas dos sítios arqueológicos, como por exemplo: descrição sumária, vegetação, uso

atual do terreno, categoria, atividades desenvolvidas no local, relevância do sítio, entre outros. Com essas informações, juntamente com dados de outros estudos, será possível realizar uma triagem e seleção dos sítios arqueológicos que serão estudados e utilizados para a presente pesquisa, conforme será explanado na metodologia do trabalho.

2.3 TURISMO E TURISMO ARQUEOLÓGICO

A princípio pode-se pensar que o Turismo e a Arqueologia não possuem nenhuma relação entre si. Porém, basta analisar alguns fatores para perceber que os dois estão mais interligados do que parecem. A Arqueologia possui um patrimônio cultural riquíssimo e o Turismo busca interpretá-lo, além de possibilitar que inúmeras pessoas tenham acesso a tudo isso.

A atividade turística redefine os usos do patrimônio, agenciando histórias, memórias e tradições, oportunizando o conhecimento sobre a diversidade das formas de expressão cultural. O aproveitamento do patrimônio cultural pelo turismo pode ser ampliado a partir da conjugação entre essa atividade e a prática arqueológica, sobretudo nas propostas de interpretação da cultura local. Essa associação torna-se oportuna, uma vez que a Arqueologia centra seu foco de análise na cultura material legada pelos antepassados, contextualizando objetos e artefatos, e inserindo-os na vida contemporânea. (CARVALHO, 2010, p. 52)

Unindo essas duas áreas tão vastas é possível proporcionar ao turista uma vivência do mundo da Arqueologia, onde o mesmo pode ter contato com pesquisas, estudos, objetos, vestígios e até mesmo observar diretamente uma escavação arqueológica. Dessa forma, o visitante também passa a valorizar e preservar mais esse patrimônio, auxiliando no processo de conservação do mesmo.

2.3.1 Turismo

A atividade turística é um fator que está sendo cada vez mais inserido na vida das pessoas. O lazer, as viagens, a fuga do cotidiano e a busca por

satisfação de certas necessidades são aspectos observados com maior frequência ao longo dos últimos anos.

São várias as definições e os conceitos na área turística, pois, segundo Beni (2003) o Turismo é o resultado do somatório de recursos naturais do meio ambiente, culturais, sociais e econômicos, e possui campo de estudo superabrangente, complexíssimo e pluricausal.

O turismo é uma combinação de atividades, serviços e indústrias que se relacionam com a realização de uma viagem: transportes, alojamento, serviços de alimentação, lojas, espetáculos, instalações para atividades diversas e outros serviços receptivos disponíveis para indivíduos ou grupos que viajam para fora de casa. (IGNARRA, 2011, p. 14)

O turismo possui diversos setores e pessoas envolvidas. Como citado acima, abrange a hotelaria, o transporte, a área de alimentos e bebidas, os eventos, o lazer, entre outros. Porém, deve-se levar em conta quem, especificamente, está envolvido na atividade. Ignarra (2011) afirma que o fenômeno turístico conta com quatro componentes: o turista, que busca experiências; os prestadores de serviços, que encaram a atividade como forma de obtenção de lucros; o governo, que o considera um fator de riqueza; e a comunidade receptora, que analisa a geração de empregos e o intercâmbio cultural.

Há outras definições mais simples e objetivas, considerando que

o turismo engloba as atividades das pessoas que viajam e permanecem em lugares fora de seu ambiente usual durante não mais do que um ano consecutivo, por prazer, negócios ou outros fins. (OMT *apud* IGNARRA, 2011, p. 11)

Os conceitos sobre a atividade turística englobam sempre algumas palavras-chave, como: deslocamento, serviços, atividades, entre outros, com a ideia principal de satisfazer os desejos dos turistas e superar suas expectativas. Segundo McIntosh *apud* Ignarra (2011) o turismo é a ciência, a arte e a atividade de atrair e transportar visitantes, alojá-los e cortesmente satisfazer suas necessidades e desejos.

Devido a grande abrangência da atividade turística, que envolve áreas tão distintas, o Ministério do Turismo propôs uma segmentação, que segundo o mesmo

é entendida como uma forma de organizar o turismo para fins de planejamento, gestão e mercado. Os segmentos turísticos podem ser estabelecidos a partir dos elementos de identidade da oferta e também das características e variáveis da demanda. (MARCOS CONCEITUAIS – MTUR)

A partir desta ideia foram definidos os seguintes segmentos: Turismo Social; Ecoturismo; Turismo Cultural; Turismo de Estudos e Intercâmbio; Turismo de Esportes; Turismo de Pesca; Turismo Náutico; Turismo de Aventura; Turismo de Sol e Praia; Turismo de Negócios e Eventos; Turismo Rural; e Turismo de Saúde.

Para o presente trabalho será dado um enfoque no Turismo Cultural, visto que o Arqueoturismo é inserido por muitos autores nesse segmento, como já mencionado anteriormente. Pode-se afirmar que o interesse nas atividades e destinos com apelo cultural vem crescendo nos últimos anos.

O direcionamento do atual interesse para o turismo cultural está calçado em sua crescente popularidade como fonte de atração de visitantes, supostamente donos de um perfil procurado por todo o trade turístico. Alia-se a este fato a crença comum de que o turismo cultural é a atividade ideal para auxiliar na preservação dos bens do patrimônio cultural (já que, ao menos em tese, ao mesmo tempo que gera receitas, dedicadas à própria conservação do bem, educa os visitantes para o respeitar), e a chave para o crescimento da simpatia pelos destinos encontra-se na possível exploração do seu potencial. (COSTA, 2009, p. 35)

O patrimônio arqueológico possui um apelo cultural muito grande, e tem atraído visitantes por todo o mundo. Surge daí a necessidade de compreender melhor o Arqueoturismo, analisando a integração entre turismo e arqueologia, e buscando conhecer melhor essa atividade.

2.3.2 Turismo Arqueológico

O patrimônio arqueológico carrega consigo uma bagagem cultural enorme e desperta o interesse de estudiosos e leigos, o que faz com que

turistas busquem locais que possuam algo relacionado a esse tema para conhecer e descobrir mais a respeito dessa área tão interessante.

Para o Ministério do Turismo os sítios arqueológicos são considerados bens culturais capazes de atrair turistas e estão inseridos no Turismo Cultural, que, de acordo com o MTUR é a área que

compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura. (MARCOS CONCEITUAIS – MTUR)

Percebe-se que o Turismo Cultural abrange diversas áreas e possibilidades, apresentando, dessa forma, várias segmentações “desdobrando-se em tantos outros títulos como antropológico, religioso, arqueológico, entre outros” (Beni, 2003). Destaca-se no presente trabalho o Turismo Arqueológico ou o Arqueoturismo, como aquele que

consiste no processo decorrente do deslocamento e da permanência de visitantes a locais determinados sítios arqueológicos, onde são encontrados os vestígios remanescentes de antigas sociedades, sejam elas pré-históricas e/ou históricas, passíveis de visitação terrestre ou aquática. (MANZATO, 2005, *apud* MANZATO, 2007, p.47)

Os atrativos do Arqueoturismo são os vestígios arqueológicos, que, como já citado anteriormente podem ser encontrados em abrigos rochosos, como grutas e cavernas ou a céu aberto. Conforme afirma Santos (2007) a exploração das jazidas arqueológicas com a finalidade de inseri-las em roteiros turísticos planejados é algo recente, porém tem ganhado uma projeção maior com o passar dos anos, devido ao fato da popularização da profissão do arqueólogo e o aumento das pesquisas na área. Santos (2007) afirma ainda que o turismo arqueológico, embora inserido no turismo cultural, tem impulsionado a formação de uma cadeia de especialistas provenientes do turismo e da arqueologia, surgindo assim novos termos e conceitos específicos para a exploração turística dos sítios arqueológicos. Esse fato pode ser observado principalmente em países como México, Peru, Grécia e Egito, que tem a exploração do patrimônio arqueológico como uma das suas principais fontes de renda.

Segundo Manzato (2007), quanto à visita turística de um sítio, a mesma acontece da seguinte maneira: primeiramente o sítio arqueológico passa por prospecção e escavação, sendo que as visitas podem ocorrer somente após a escavação, ou juntamente com ela, sendo possível realizá-la de duas formas. A primeira é quando o visitante tem acesso somente a uma das partes já escavadas; e a segunda é aquela em que o turista pode interagir com a escavação principalmente por meio de minicursos ou estágios.

Conforme afirma Manzato (2007), um sítio arqueológico que é disponibilizado ao turista passa a ser denominado Sítio Arqueoturístico. Um sítio pode ser ao mesmo tempo histórico e pré-histórico, devido ao fato de haver a ocupação de um determinado local em períodos distintos e sucessivos. Caso não haja essa ocupação conjunta, são determinados somente por uma das duas classificações (Manzato, 2007).

O Turismo Arqueológico tem obtido destaque no cenário mundial nos últimos anos, sendo que o mesmo pode ser expresso também como o resultado da união entre a atividade turística e a arqueologia em si, demonstrando que há relação entre essas duas áreas, que são aparentemente distintas (Nóbrega, Araújo, 2013).

Em diferentes partes do mundo, o potencial arqueológico de uma dada cidade ou região vem sendo objeto de atenção especial por parte de programas de desenvolvimento económico. E, ao contrário do que se imagina, essa atenção não está limitada unicamente àqueles lugares onde existam conjuntos arquitetônicos monumentais, a exemplo dos espaços clássicos do mundo mediterrânico ou mesmo aqueles referentes às sociedades andinas. Nos últimos anos, o interesse pelo trabalho e, mais especificamente, pelos achados arqueológicos vem se ampliando, abarcando todas as localidades onde a presença humana deixou vestígios menos espetaculares, mas igualmente valiosos, posto que atestam processos históricos desenvolvidos em um determinado lugar. (ETCHEVARNE, 1996, p. 78)

O turismo seria uma forma de difundir mais a arqueologia, atingindo diferentes públicos, pois como afirmam Nóbrega e Araújo (2013), geralmente os meios de divulgação mais utilizados para expor as pesquisas e descobertas arqueológicas são as disciplinas de graduação e pós-graduação e os documentários nos canais por assinatura, o que restringe esses fatos a um público restrito. Com a inserção da arqueologia na atividade turística é possível

expandir o alcance dessas informações, abrangendo um público maior e possibilitando que mais pessoas tenham acesso as pesquisas.

O Turismo Arqueológico pode também ser expresso como sendo

um segmento de turismo no qual ocorre o deslocamento voluntário temporário de indivíduos, motivados pelo interesse ou desejo de conhecimento de aspectos pertinentes a culturas passadas, a locais onde se encontram vestígios materiais representativos do processo evolutivo do homem no planeta, deixados por sociedades pretéritas. (WIDMER, *apud* NÓBREGA, ARAÚJO, 2013, p. 10)

Dessa forma observa-se que o esse tipo de atividade turística é capaz de promover um contato com a cultura dos povos antigos, o que permite ao turista estar mais próximo do passado (Nóbrega, Araújo, 2013).

A atividade turística redefine os usos do patrimônio, agenciando histórias, memórias e tradições, oportunizando o conhecimento sobre a diversidade das formas de expressão cultural. O aproveitamento do patrimônio cultural pelo turismo pode ser ampliado a partir da conjugação entre essa atividade e a prática arqueológica, sobretudo nas propostas de interpretação da cultura local. Essa associação torna-se oportuna, uma vez que a Arqueologia centra seu foco de análise na cultura material legada pelos antepassados, contextualizando objetos e artefatos, e inserindo-os na vida contemporânea. (CARVALHO, 2010, p. 52)

Percebe-se que a união entre turismo e arqueologia é capaz de prover uma área gigantesca de conhecimento e aprendizagem, pois possibilita a um maior número de pessoas o contato direto com escavações, artefatos, vestígios e descobertas arqueológicas. Dessa forma, a atividade turística valoriza e preserva o patrimônio de povos e civilizações passadas, que possuem uma riqueza cultural tão grande e que precisam ser mostradas e divulgadas.

2.3.3 Turismo Arqueológico no Brasil e no mundo

Quando se fala em arqueologia é impossível não lembrar o Egito. Esse país é uma das maiores referências do turismo arqueológico no mundo. Segundo a revista Viagem (2012) é a terra dos mistérios, superstições e da moderna arqueologia, fascinando a todos com seus grandes monumentos e o poderoso rio Nilo. As pirâmides, a esfinge, os museus e as próprias cidades

guardam a história de uma civilização, onde novas descobertas de múmias, sarcófagos, objetos, livros e riquezas são feitas todos os anos.

O Egito é um dos locais mais famosos e lembrados pelas pessoas, porém, como já mencionado são vários os exemplos de sítios arqueológicos que recebem turistas ao redor do mundo. Conforme afirma Bruzzone (2013) alguns deles são de grande relevância e são visitados por milhões de pessoas, como Machu Picchu, no Peru, que guarda vestígios da civilização Inca; Pompéia, na Itália, que revela marcas de uma civilização encoberta por lavas do vulcão Vesúvio em 79 d.C.; Chichenltzá, no México, importante sítio da civilização Maia; Petra, na Jordânia, com monumentos e construções talhados na rocha das montanhas; entre outros.

O Brasil também pode ser considerado um local com grande potencialidade para desenvolver o Arqueoturismo, pois, de acordo com Nóbrega e Araújo (2013) o país possui um diversificado patrimônio arqueológico, devido ao fato da grande quantidade de sítios existentes (19 mil, aproximadamente, segundo o cadastro do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

As gravuras e pinturas rupestres destacam-se como vestígios arqueológicos no Brasil. Segundo Santos (2007) as mesmas tem impulsionado a exploração turística do patrimônio arqueológico, tanto pelo setor público, quanto pelo privado, pois fazem parte de sítios que possuem maior evidência e notoriedade no país.

Existem diversos exemplos de sítios arqueológicos de importância significativa no Brasil, capazes de atrair turistas. Segundo o *website* oficial “Bahia”, em mais de 50 municípios do estado é possível encontrar centenas de sítios arqueológicos com pinturas rupestres, sendo que alguns deles mostram gravuras sobrepostas, ou seja, indicam que os desenhos foram feitos em épocas diferentes. A Chapada Diamantina é o local com maior potencialidade para o turismo arqueológico na região, agrupando cerca de 30 sítios abertos a visita.

Outro local que merece destaque quanto ao desenvolvimento do Turismo Arqueológico é a Serra da Capivara, no Piauí. Nela, os turistas podem observar pinturas rupestres com mais de 12 mil anos. Estudos e escavações liderados pela arqueóloga NièdeGuidon nos anos 70, apontam a presença do

homem na região da Serra há aproximadamente 50 mil anos (Folha de São Paulo, 2013). Também podemos citar o sítio arqueológico Pedra do Ingá, na Paraíba. O mesmo é conhecido como um dos sítios mais famosos do planeta, pois possui intrigantes inscrições rupestres, que ocupam um paredão de 15 metros de extensão por 2,3 metros de altura (Adventure Turismo).

O Turismo Arqueológico pode também ser explorado no sul do Brasil. A Ilha do Campeche, em Santa Catarina, é um exemplo significativo. São mais de 100 petróglifos (inscrições lapidadas em pedra por antigos povos, que representam o cotidiano de suas culturas em sua época) espalhados por 10 sítios arqueológicos que podem ser visitados pelos turistas. Em 2000, a Ilha foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como Patrimônio Arqueológico e Paisagístico Nacional (Guia Floripa: Ilha do Campeche).

Pode-se encontrar em diversos países, museus e exposições (permanentes ou temporárias), com a temática voltada a arqueologia.

Há diversos museus que apresentam boas exposições sobre os aspectos da geodiversidade. É o caso do Museu de História Natural em Nova York; da Academia de Ciências da Califórnia; do Smithsonian em Washington; e do Museu de história Natural em Londres. Já na Cosmocaixa em Barcelona (Espanha), são destacados aspectos da geodiversidade do Brasil, onde além dos fósseis brasileiros que exhibe, destaca em uma seção exclusiva o Parque do Varvito, em Itu – SP. (MOREIRA, 2011, p. 116)

Além disso, Moreira (2011) cita outros exemplos de museus e centros de visitantes que exploram a área da arqueologia e geologia, como uma exposição em Piriápolis, no Uruguai, que apresentava rochas de diferentes tipos e tamanhos; os Centros de Visitantes do Parque Geológico de Aliaga e o Parque Temático Dinópolis, na Espanha, que abrigam um dos melhores museus paleontológicos da Europa; o Museu de Paleontologia da Urca, no Brasil, que conta com um acervo de sete mil peças fósseis; o Museu de Geologia e Paleontologia de Vila Velha, nos Campos Gerais no Paraná, com exposições voltadas aos aspectos geológicos e geomorfológicos; entre outros.

Nota-se que se pode encontrar o Arqueoturismo em diversas partes do mundo. A ideia de que os vestígios e as descobertas arqueológicas são possíveis apenas no Egito já não existe mais. O turista que busca um

conhecimento maior sobre a história e a cultura de civilizações passadas, sobre fósseis, objetos, estudos e pesquisas, pode optar por diversos destinos para encontrar o que procura.

2.4 DIAGNÓSTICO, POTENCIALIDADE E ROTEIRIZAÇÃO DO TURISMO

O objetivo do presente trabalho consiste em buscar subsídios para propor um roteiro turístico integrando os sítios arqueológicos de maior relevância nas cidades de Ponta Grossa, Piraí do Sul e Tibagi. Porém, para que isso seja possível, primeiramente é necessário expor conceitos e definições relacionados ao diagnóstico e a potencialidade turística de determinado local, para descobrir quais fatores precisam ser analisados, descobrindo seus pontos fortes e fracos, propondo melhorias e ações, para finalmente obter meios de elaborar um roteiro turístico.

2.4.1 Diagnóstico e potencialidade de destinações turísticas

Quando se pensa em propor algo a um determinado destino turístico, como a elaboração de um roteiro, por exemplo, é necessário analisar primeiramente a atual situação da localidade, envolvendo diversos aspectos. Para isso é preciso realizar um diagnóstico do destino, que consiste em

uma análise da situação atual do município, através das informações coletadas sobre a oferta, a demanda, os projetos existentes, mão-de-obra, legislação pertinente e envolvimento da comunidade. Pode ser feito estruturando-se os pontos fortes e fracos. (BEZERRA *et al.*, 2008, p. 36)

Segundo Barreto, apud Ruschmann e Solha (2006), o diagnóstico tem como objetivo traçar um marco de situações antecedentes, definindo áreas de necessidade, buscando elementos que justifiquem a ação e estabelecendo prioridades. De forma sucinta pode-se dizer que analisa-se o que o local já possui, para descobrir quais são os pontos fracos que precisam ser melhorados e os pontos fortes que devem ser maximizados.

Para analisar tal situação é preciso conhecer e levar em conta alguns aspectos, como por exemplo, os dados socioeconômicos do local, as práticas aprovadas na área em estudo, as normas e leis vigentes sobre o objeto do planejamento e também os recursos humanos e materiais disponíveis (Ruschmann e Solha, 2006).

Os dados analisados devem ser combinados de forma a criar entendimentos (informação estratégica) de cada região turística, indicando caminhos e estratégias que podem (ou devem) ser utilizadas para melhoria do fluxo de turista. A utilização de pesquisas e informações na elaboração do diagnóstico depende da identificação das informações mais pertinentes e relevantes, que apresentem um entendimento do que é valor para o turista e para o mercado, e então desenvolver as estratégias adequadas ao potencial da oferta e segmento consumidor que se pretende atingir. (MTUR, 2010, p. 82)

O diagnóstico é a primeira parte do planejamento. Segundo Araujo, apud Borges e Araujo (s.d.) no planejamento territorial, o diagnóstico representa a etapa voltada ao inventário e a análise das vantagens comparativas e competitivas de uma região, de modo a propor a produção ordenada do espaço turístico. Através do diagnóstico pode-se descobrir quais decisões tomar e qual o melhor caminho a seguir, pois é possível analisar também a potencialidade do município e/ou atrativo para desenvolver a atividade turística.

Recentemente, os estudos internacionais sobre o setor de turismo têm enfatizado que o potencial turístico de localidades e regiões requer a análise de variáveis que não estão diretamente relacionadas ao número de visitantes e ao volume de recursos gastos por eles em suas viagens. Além da oferta turística, os modelos mais atuais de análise do setor levam em conta variáveis como desenvolvimento humano e social, infraestrutura, meio ambiente e políticas públicas, como forma de avaliar o potencial de cada localidade e região. (DIEESE, 2008, p. 4)

Quando busca-se desenvolver o turismo em determinado local, tem-se como objetivo trazer benefícios para comunidade, turistas e empreendedores. Desse modo, o potencial turístico de um destino deve ser avaliado do ponto de vista da sua sustentabilidade, ou seja, das possibilidades reais que o desenvolvimento gerado pelo turismo tem em causar impactos socioeconômicos positivos sobre as condições de vida da comunidade receptora e da demanda turística (DIEESE, 2008).

Além disso, deve-se levar em conta que o turismo precisa preservar as condições ambientais e as tradições culturais da comunidade autóctone, para que a interferência no cotidiano dos mesmos não seja prejudicial e cause malefícios.

Assim, o potencial turístico de um destino não depende meramente de fatores intrínsecos, dados pelos seus atrativos naturais e edificados, mas também de uma série de variáveis relacionadas, por exemplo, às condições de vida das comunidades, à capacidade de geração de renda e riqueza pela economia local e às condições básicas de infra-estrutura, entre elas, esgotamento sanitário e abastecimento de água. Na realidade, são esses fatores mais amplos que determinam a demanda turística no longo prazo, isto é, o fluxo de pessoas e de receitas decorrentes da atividade turística, num certo destino. (DIEESE, 2008, p. 4)

Em resumo pode-se dizer que o potencial turístico nos mostra as possibilidades que podem ser criadas e desenvolvidas. São possíveis oportunidades que devem ser estudadas, com a finalidade de desenvolver ações que solucione os problemas encontrados.

Desta forma, pode-se afirmar que não existe planejamento do desenvolvimento turístico de uma região se não houver perfeito entendimento do potencial da oferta e das possibilidades de relacionar os produtos existentes, ou potenciais, para diferentes segmentos de clientes. (MTUR, 2010, p. 82)

É de grande relevância que todos esses fatores descritos acima sejam analisados de forma eficiente, visto que tudo isso irá influenciar na maneira com que o turismo será desenvolvido em determinada localidade. De acordo com o Ministério do Turismo (2010), conhecer o perfil da demanda e planejar estratégias com o objetivo de tornar o destino mais competitivo, faz parte do processo de profissionalização e aperfeiçoamento da atividade turística.

2.4.2O processo de Roteirização e Elaboração de Roteiros Turísticos

A elaboração de roteiros é uma das formas mais claras de se observar as ações provenientes do planejamento turístico. Segundo Bahl *apud* Ruschmann e Solha (2006), esses roteiros são formatados como produtos, pois

resumem um processo que ordena diversos elementos para a efetivação de uma viagem.

A elaboração pode estabelecer diretrizes e gerar uma circulação turística posterior, seguindo determinados trajetos, criando fluxos e possibilitando um aproveitamento racional da região e dos atrativos a visitar. De forma simplificada, um roteiro sincroniza os fatores envolvidos em uma viagem, ou seja: espaço-tempo, bens e serviços. (BAHL *apud* RUSCHMANN; SOLHA, 2006, p. 298)

De acordo com o MTur (2010) a roteirização é uma forma de organização, pois integra a oferta turística de um determinado local, o que gera um produto que tem por objetivo ser comerciável e rentável. É voltada para a construção de parcerias, além da integração, como já citado anteriormente, o comprometimento, o adensamento de negócios, o resgate e a preservação dos valores socioculturais e ambientais da região (MTur, 2010).

A criação e a consolidação de novos roteiros possibilitam o aumento das taxas de visitação, de permanência e gasto médio do turista nos destinos brasileiros, tendo como consequência imediata a geração e a ampliação de postos de trabalho e, como consequências de médio e longo prazos, a promoção da inclusão social, uma melhor distribuição de renda e a redução das desigualdades regionais e sociais. (MTUR, 2010, p. 30)

Pode-se dizer, em suma, conforme define o Ministério do Turismo, que o processo de roteirização é uma forma de organizar os atrativos com uma temática específica, para que os mesmos sejam promovidos e comercializados no mercado turístico, sendo uma opção diferenciada de produto. Assim, a roteirização é compreendida como um processo mercadológico voltado a um produto específico: o roteiro turístico (MTur, 2010).

Um roteiro turístico resume todo um processo de ordenação de elementos intervenientes na efetivação de uma viagem. O roteiro pode estabelecer as diretrizes para desencadear a posterior circulação turística, seguindo determinados trajetos, criando fluxos e possibilitando um aproveitamento racional dos atrativos a visitar. (BAHL, 2004, p. 31)

O objetivo principal da roteirização é promover a integração, ou seja, unir atrativos, equipamentos e serviços dentro de uma região pré-determinada, com o propósito de atrair um público-alvo, “oferecendo um produto passível de consumo e altamente motivador, se exposto de maneira clara e objetiva” (Bahl *apud* Ruschmann e Solha, 2006, pag. 298).

A roteirização turística é um processo no qual os atrativos existentes nos municípios de uma ou mais regiões turísticas são organizados de forma que componham um roteiro que possa ser consumido pelos visitantes. Novos roteiros turísticos e o aumento de investimentos nos já existentes possibilitam o aumento do fluxo de turistas, acarretando na maior permanência dos mesmos e propiciando uma maior circulação de divisas nos municípios. (BEZERRA *et al.*, 2008, p. 57)

De acordo com o MTur (2010), a grande importância da roteirização está no desenvolvimento das atividades turísticas de determinada região, visto que esse processo, auxilia a identificação, elaboração e consolidação de novos roteiros turísticos. Além disso, tem como função apontar a necessidade de novos investimentos em projetos que visam à melhoria da infraestrutura, dos serviços e equipamentos.

Cada vez mais os turistas buscam atrativos e destinos que satisfaçam às suas necessidades. É comum encontrar pessoas que buscam coisas novas e diferentes, e não mais apenas o turismo de sol e praia. Conforme afirma o Ministério do Turismo (2010), em um mundo globalizado, onde se diferenciar adquire importância a cada dia, os turistas exigem, cada vez mais, roteiros turísticos que se adaptem aos seus desejos e preferências.

O ser humano, turista em potencial, busca facilidades para a realização dos seus deslocamentos, gerando um processo de escolhas e seleção de localidades a visitar, motivado pela propaganda ordenada, e, muitas vezes, verbal. A oferta de roteiros que demonstram a possibilidade de satisfação de necessidades oriundas de anseios diversos propicia maior aproveitamento na decisão do viajar. (BAHL *apud* RUSCHMANN; SOLHA, 2006, p. 299)

E para conseguir atingir um determinado público é necessário conhecer o perfil dessa demanda, seja ela atual ou potencial, pois quem entende melhor os seus desejos, promove, qualifica e aperfeiçoa os seus destinos e roteiros com base nesse perfil, tem mais chance de inserção e posicionamento no mercado (MTur, 2010).

É de grande importância conhecer o perfil do turista que visita determinado atrativo ou região, visto que, segundo o MTur (2010), o processo de roteirização pode contribuir para o aumento do número de turistas que visitam um local, assim como o seu tempo médio de permanência no destino, estimulando a circulação de riquezas.

Deve-se ressaltar também, que a roteirização e a implantação de um roteiro turístico em um destino deve ser feita de maneira sustentável. É preciso levar em conta todos os envolvidos na atividade, sejam eles turistas, comunidade, iniciativa pública, privada, além do meio ambiente e do patrimônio imaterial, como tradições e manifestações da cultura, pois, segundo o Ministério do Turismo (2010), a roteirização tem caráter participativo e deve estimular a integração e o compromisso de todos, sem esquecer do seu papel de instrumento de inclusão social.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 TIPO DE PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, ou seja, preocupada com “a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que é dado às suas práticas” (GONÇALVES, 2003, pag. 68).

É também de caráter exploratório, baseando-se em dados bibliográficos e documentais. Segundo Gil (2008, p. 27) as pesquisas exploratórias “são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar uma visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”, especialmente quando o tema é ainda, pouco explorado. Pode-se caracterizar também, a pesquisa como descritiva, pois, de acordo com Triviños (1987), a mesma exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade.

Será realizada uma pesquisa bibliográfica, que, de acordo com Dencker (1998, p. 125) consiste no “levantamento e revisão de literatura existente para a elaboração conceitual e definição dos marcos teóricos”. Essa questão torna-se fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, visto que a conceituação é indispensável para a elaboração das demais etapas. Para tal, foram utilizados livros, artigos, dissertações, periódicos, notícias, relatórios de pesquisas entre outros materiais.

A pesquisa bibliográfica foi de extrema importância para compreender mais a respeito dos assuntos propostos no estudo. A partir do referencial

teórico pôde-se aprofundar o conhecimento nas áreas de turismo e arqueologia, assim como relacionar esses conceitos e suas vertentes de estudos, descobrindo que essas duas ideias estão mais interligadas do que se possa pensar previamente.

Também será feita uma pesquisa de campo, sendo que esta deverá ser realizada após o estudo bibliográfico, quando já se possui uma grande quantidade de informações a respeito do que está sendo pesquisado. Segundo Fuzzi (2010) a pesquisa de campo procede à observação de fatos e fenômenos exatamente como ocorrem no real, à coleta de dados referentes aos mesmos e à análise e interpretação desses dados.

A pesquisa de campo propriamente dita não deve ser confundida com a simples coleta de dados (este último corresponde à segunda fase de qualquer pesquisa); é algo mais que isso, pois exige contar com controles adequados e com objetivos preestabelecidos que discriminam suficientemente o que deve ser coletado. (TAMAKI, 2005, p. 20)

Com a natureza da pesquisa já definida, determina-se a seguir as técnicas que serão adotadas para a coleta de dados, além da determinação da amostragem, fatores que necessitam ser relevantes o suficiente para atender aos objetivos propostos. Além disso, faz-se necessário estabelecer como será feito o registro dos dados coletados e a forma como os mesmos serão analisados posteriormente.

3.2 TÉCNICAS DE PESQUISA

Inicialmente será realizada uma pesquisa documental e bibliográfica, com o objetivo de compreender melhor o tema e definir conceitos relevantes. Essa busca foi feita baseada em livros relacionados às áreas de turismo, arqueologia, turismo arqueológico, potencial e elaboração de roteiros turísticos, além de artigos, dissertações, teses e demais publicações que auxiliassem no entendimento do tema proposto.

Feito isso e definido os procedimentos metodológicos que serão utilizados na pesquisa, serão feitas visitas às cidades de Ponta Grossa, Piraí do Sul e Tibagi, que possuem sítios arqueológicos relevantes para o estado do

Paraná. As cidades em questão foram escolhidas, primeiramente, devido à grande quantidade de sítios que ali podem ser encontrados, levando em conta ainda, que alguns deles já são explorados turisticamente.

Esses dados foram obtidos através da análise do mapeamento dos sítios no Estado do Paraná, feito pela pesquisadora Fabiana Terhaag Merencio, em 2012 (mapa enviado pela pesquisadora, por meio de correio eletrônico), que mostra que a cidade de Ponta Grossa possui entre um a cinco sítios, e Piraí do Sul e Tibagi, entre 6 a 35. Outro fator importante para a escolha dos municípios foi à proximidade entre eles, sendo que de Ponta Grossa a Piraí do Sul a distância é de 75 km e de Piraí do Sul a Tibagi são 92 km, como pode ser observado no mapa abaixo:

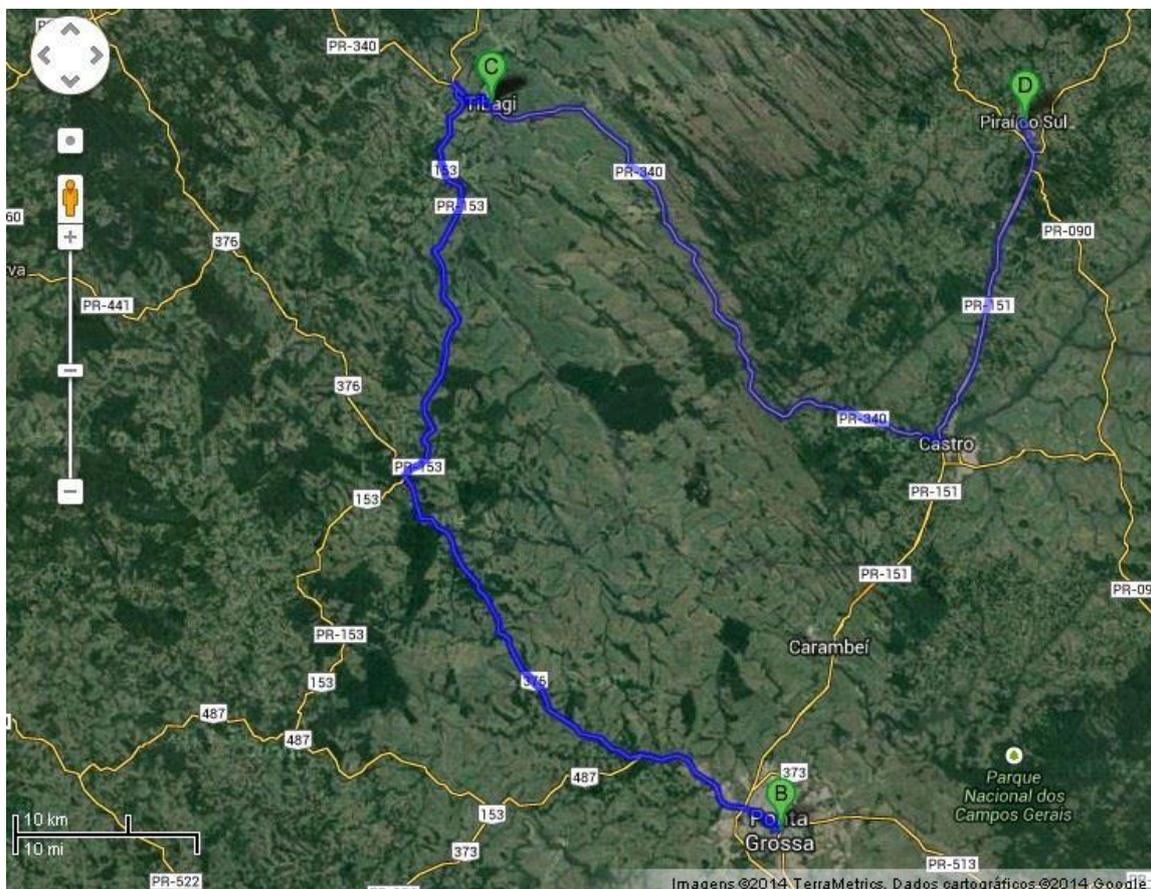


Figura 1: ROTEIRO: Ponta Grossa - Tibagi - Piraí do Sul (Por Carro).

Fonte: Banco de Imagens Google, 2014, imagens captadas em 20.Mai.2014.

Em relação à escolha dos sítios arqueológicos para a realização da presente pesquisa, optou-se pelos locais que, de alguma forma, já recebem um fluxo de visitantes, seja ele monitorado, ou não. Essa forma de triagem facilita o

estudo, visto que, a principal finalidade do mesmo é buscar subsídios para propor a elaboração de um roteiro turístico com a temática voltada à arqueologia, integrando locais que possam ser visitados pelos turistas e possuam boas condições para isso.

Essas visitas serão feitas com a finalidade de verificar qual a situação atual desses sítios em relação à atividade turística, ou seja, como a mesma é desenvolvida. Será analisada a forma com que ocorre a visitação turística, se há monitoramento e/ou controle, qual o estado de conservação dos atrativos, se há sinalização turística e quais as suas condições, como é o acesso aos atrativos, entre outros aspectos. De forma resumida, serão observados os atrativos em si, além dos equipamentos, serviços e infraestrutura disponíveis.

Serão feitas visitas nos três municípios escolhidos para o presente estudo. Em Ponta Grossa os locais visitados serão:

- a) Sumidouro do Rio Quebra-Perna e Buraco do Padre: a região da Bacia Hidrográfica dos Rios Quebra-Perna e Quebra-Pedra, onde está situado o Buraco do Padre apresenta uma fuma situada no cruzamento de falhas e fraturas em arenitos da Formação Furnas (Devoniano da Bacia do Paraná). O Buraco do Padre é uma fuma notável e permite fácil acesso, a pé, através do leito subterrâneo do Rio Quebra-Pedra. Essa região também apresenta muitos sítios arqueológicos em abrigos sob rocha, que demonstram a passagem de bandos nômades de indígenas caçadores e coletores. Esses abrigos possuem vestígios líticos (artefatos de pedra), cerâmicos e pinturas rupestres encontradas nos paredões rochosos da escarpa acima do Buraco do Padre e em alguns abrigos naturais próximos, principalmente no Sumidouro do Rio Quebra-Perna, a cerca de 2 km do Buraco do Padre. O local faz parte de uma propriedade particular, estando situado dentro dos limites da Área de Proteção Ambiental da Escarpa Devoniana (Melo, Lopes, Boska, 2009).
- b) Parque Estadual de Vila Velha: é considerado o principal atrativo natural de Ponta Grossa, sendo uma Unidade de Conservação composta por três principais elementos: Arenitos (formações rochosas), Furnas (crateras com rica vegetação e água no seu

interior) e Lagoa Dourada (suas águas ficam douradas ao pôr do sol). É tombado pelo Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado, abrigando uma fauna variada. O local possui um Centro de Visitantes e conta também com um projeto para um Museu de Geologia e Paleontologia (Prefeitura de Ponta Grossa).

- c) Abrigo Usina São Jorge: o local é representado por duas lapas conjugadas sustentadas por arenito da Formação Furnas, localizadas junto ao vale do Rio Pitangui. A primeira lapa, a sudoeste, contém painéis de pinturas rupestres com figuras humanas, de animais e geométricas. A segunda, a norte, possui painéis com pinturas monocromáticas de cervídeos e aves (Silva, Parellada, Melo, 2007).

Já em Piraí do Sul os locais a serem visitados são os seguintes:

- a) Vale do Eco: localizado no Cânion Chapadinha, o local recebe esse nome, pois, quando grita-se em um lado do Cânion, ouve-se claramente o mesmo som após cerca de três segundos. Este sítio arqueológico está localizado em um platô rochoso de arenitos na beira do penhasco do vale do Eco. É caracterizado por inúmeras figuras na pedra, sendo em sua maioria, círculos com aproximadamente dez centímetros de diâmetro (Grafismo Rupestre, 2014). Há uma visita guiada ao local, passando pelas trilhas e chegando as diferentes atrações do Cânion, feita pelo proprietário da Pousada Serra do Pirahy (Pousada Serra do Pirahy).
- b) Abrigo Santa Rita I e II: a arte rupestre encontrada nesses sítios possibilitam a compreensão e a visualização de como eram realizadas as comunicações entre regiões distantes e diversas na pré-história. Ali podem ser observadas figuras geométricas e gravuras que também são encontradas em outras partes do Brasil (Grafismo Rupestre, 2013).
- c) Fazenda Cercado Grande: é um local cortado pelo Rio das Cinzas, onde é possível encontrar riachos, formações rochosas, cânion e pinturas rupestres. Observa-se ali a Furna das

Curucacas, o Cânion Campina do Cadeado e a Cachoeira dos Macacos (Explore Brasil).

E para finalizar, será visitado também o município de Tibagi, focalizando no seguinte local:

- a) Parque Estadual do Guartelá: criado em 1992, oferece aos visitantes grande beleza cênica, com canyons, cachoeiras e formações rochosas. Abriga também o Canyon do Rio Iapó ou Canyon Guartelá, considerado o 6º maior do mundo em extensão, além de ser o único com vegetação nativa. Além disso, pode-se encontrar traços deixados por indígenas, jesuítas e tropeiros. As marcas desses povos estão registradas em pinturas rupestres feitas nas rochas, que podem ser visitadas juntamente com um condutor (Prefeitura de Tibagi).

Parte da pesquisa será feita através de entrevistas, que podem ser classificadas tanto pelo método utilizado, quanto pelo número de participantes. Em relação a este primeiro aspecto, será utilizada a técnica de entrevista semi-estruturada, que possui um roteiro básico, mas que não é seguido rigidamente (Araújo, 2004, pag. 83). A entrevista semi-estruturada é feita através de

um roteiro que define quais os principais temas a explorar, e prevê eventualmente certas perguntas, mas a forma como os temas serão conduzidos ao longo da conversa, o modo como as perguntas serão formuladas e a ordem pela qual aparecerão os temas e as perguntas não são fixadas previamente. (FONSECA, 2002, pag. 68)

Quanto ao número de participantes, será adotado o procedimento de entrevistas individuais. As mesmas serão realizadas juntamente as visitas em cada uma das localidades citadas acima. Serão feitas, se possível, com o responsável por cada área. Caso não haja possibilidade de entrevistá-los, as perguntas serão direcionadas a pessoas relacionadas aos locais, sejam estes funcionários ou pesquisadores.

3.3 COLETA DE DADOS

A coleta dos dados será feita através de três procedimentos distintos, sendo que todos dependerão das visitas aos locais previamente selecionados.

Durante a realização da pesquisa de campo, serão feitas entrevistas semi-estruturadas com a presença do entrevistador, direcionando as perguntas aos responsáveis pelas áreas analisadas, sendo que, em caso de impossibilidade da presença dos mesmos, os questionamentos serão feitos a funcionários ou pesquisadores dos locais. As entrevistas tem como finalidade buscar maiores informações a respeito da situação dos sítios em relação a seus estados de conservação, acesso a visitantes e potencialidade turística.

Será feita uma análise SWOT dos locais, juntamente com uma hierarquização dos atrativos, com a finalidade de descobrir quais as condições atuais das áreas analisadas, e se as mesmas possuem potencialidade turística, para que possam, futuramente, ser incorporadas a um roteiro turístico. As mesmas são ferramentas que auxiliam muito no planejamento de determinada localidade ou região, pois fornecem subsídios para se conhecer melhor o que está sendo analisado e determinar prioridades e meios de ação.

A análise SWOT, como já mencionado anteriormente, consiste no levantamento dos pontos fortes e fracos, além das ameaças e oportunidades de um local, “assim, esta metodologia torna-se uma ferramenta ideal no processo de gestão e monitoramento do turismo de uma determinada localidade” (DANTAS; MELO, 2008, pag. 120).

Ela se apresenta basicamente como uma análise de cenário e se divide em ambiente interno (Forças e Fraquezas) e ambiente externo (Oportunidades e Ameaças). (...) Após estabelecer os componentes da Matriz SWOT, é necessário cruzar as Oportunidades com as Forças e as Fragilidades com as Ameaças, buscando estabelecer estratégias que minimizem e monitorem os aspectos negativos e maximizem as potencialidades, visando a capitalização, o crescimento, a manutenção e a sobrevivência do destino turístico. Isto possibilitará a análise da real situação interna e externa do município em relação às fidedignas possibilidades de implementação de um desenvolvimento turístico para o local. (DANTAS; MELO, 2008, p.121)

Optou-se por se utilizar a análise SWOT nesta pesquisa, pois a mesma possibilita o posicionamento da localidade estudada no cenário turístico atual. Esta metodologia pode ser observada com maior clareza no quadro a seguir:



Figura 2: Análise SWOT
Fonte: Projetual (2014)

Essa análise é fundamental quando se precisa verificar a situação atual de um atrativo ou destino turístico, pois permite uma visão clara e objetiva, com a finalidade de definir estratégias. No caso da pesquisa em questão, a ação que visa-se propor, é a criação de um roteiro turístico integrando sítios arqueológicos com potencialidade para atrair turistas nos municípios de Ponta Grossa, Pirai do Sul e Tibagi.

A análise SWOT é importante, para que se possa descobrir qual a condição atual dos sítios em relação a estado de conservação, facilidades, infraestrutura, equipamentos, acesso, entre outros, de forma a identificar quais locais possuem maiores condições de ser inseridos no roteiro e quais melhorias e/ou mudanças são necessárias.

Quanto ao processo de avaliação e hierarquização dos atrativos turísticos analisados na presente pesquisa, será utilizada a metodologia indicada por Bezerra, et al. (2008), conforme anexo II. Essa análise crítica é importante para o estudo, visto que se faz necessário compreender o grau de interesse turístico do atrativo, observando diversos fatores que demonstram às suas condições atuais em relação à atividade turística.

Todos esses processos mencionados são passos que irão auxiliar na análise da potencialidade turística dos locais determinados para o presente

estudo. Como tratam-se, em sua maioria, de áreas protegidas, é preciso analisar aspectos singulares, diferente dos quais seriam observados se o objeto de estudo fosse um atrativo em uma área urbana, por exemplo. Segundo a OMT (2001) em vários países existe um relacionamento simbólico entre o turismo e a definição de áreas protegidas e, nessa situação, o potencial de turismo nas zonas circundantes é um fator relevante no processo de seleção, visto que, segundo pesquisas, o número de pessoas que buscam passar as férias em um local diferenciado, aumenta a cada ano.

A verificação da potencialidade turística dos locais selecionados nesta pesquisa será feita baseada no modelo de questionamentos exposto a seguir, que direciona questões que possibilitam uma análise específica daquilo que se pretende estudar.

<p>A área protegida</p> <ul style="list-style-type: none"> • Está perto de um aeroporto internacional ou de um centro turístico importante • Razoavelmente perto • afastado 	<p>A área tem</p> <ul style="list-style-type: none"> • muito interesse cultural adicional • algumas atrações culturais adicionais • poucas atrações culturais 	<p>A área está suficientemente perto de outras localidades de interesse turístico para fazer parte de um itinerário turístico?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sim • Potencialmente moderado • Potencialmente baixo ou nulo
<p>A viagem até essa área</p> <ul style="list-style-type: none"> • é fácil e confortável • requer algum esforço • é difícil e perigosa 	<p>A área é</p> <ul style="list-style-type: none"> • única no seu aspecto • algo diferente • semelhante a outras reservas naturais 	<p>A área circundante é</p> <ul style="list-style-type: none"> • de uma beleza panorâmica ímpar • razoavelmente atrativa • banal
<p>A área tem</p> <ul style="list-style-type: none"> • várias características interessantes • mais de uma característica interessante • uma característica principal • interessante 	<p>A área tem</p> <ul style="list-style-type: none"> • instalações de recreio • junto a uma praia ou lago • rios, cascatas ou piscinas • nenhum tipo de atividades aquáticas 	<p>A gastronomia local é</p> <ul style="list-style-type: none"> • variada e bem confeccionada • adequada • comum
<p>A área disponibiliza</p> <ul style="list-style-type: none"> • Comunicação interpretativa sobre o patrimônio arqueológico (placas, folders, etc.) • Pouca informação a respeito do atrativo • Nenhuma informação 		<p>Os padrões de qualidade dos alojamentos são</p> <ul style="list-style-type: none"> • variados e confortáveis • adequados • pobres

Tabela 1: Potencialidade Turística.

Adaptado de: Managing Protected Areas in the Tropics em OMT, 2001.

Através desses questionamentos é possível observar com mais clareza qual a real situação do atrativo, com a finalidade de descobrir se o mesmo possui potencialidade para o turismo e se está apto para receber visitantes de maneira satisfatória. Para o presente estudo, essa análise será necessária para verificar quais atrativos estão em condições de serem integrados em um roteiro turístico com o propósito de explorar a arqueologia paranaense.

3.3.1 Construção do instrumento de coleta dos dados

De acordo com as características e objetivos desta pesquisa, optou-se pela realização de entrevistas semi-estruturadas, que, segundo Dencker (1998) permitem ao pesquisador maior liberdade e sempre serão utilizadas para obter o conhecimento de opiniões, atitudes e crenças dos entrevistados. Nesse caso, as entrevistas serão direcionadas aos responsáveis pelos locais selecionados a visitação, já mencionados anteriormente, sendo também utilizado o procedimento de gravação das mesmas.

Descreve-se abaixo, os principais questionamentos adotados para a formulação do roteiro de pesquisa:

- a) De quem é a responsabilidade sobre o local;
- b) Se o local é uma Unidade de Conservação;
- c) Como funciona a visitação turística (se a mesma é guiada, necessita agendamento, se há algum tipo de controle ou monitoramento, os atrativos possuem algum estudo sobre o limite de visitantes);
- d) Quais os principais atrativos do local;
- e) Se existem projetos para o desenvolvimento ou a melhora da atividade turística na área em questão;
- f) Quais os principais impactos que podem ser gerados pelo uso do local para o turismo;
- g) Como são realizadas as ações de marketing do local;
- h) Existem parcerias com agências de turismo receptivo;

- i) Há apoio do governo para o desenvolvimento do turismo e se sim, de que forma isso ocorre;
- j) Quais são as áreas mais visitadas dentro do local;
- k) O que mais chama atenção dos visitantes;
- l) Quais informações são fornecidas ao visitante;

Dessa forma, busca-se descobrir qual é a situação atual do turismo nesses locais, aliando as respostas fornecidas pelos entrevistados à observação direta dos atrativos, analisando condições de acesso e sinalização, infraestrutura, equipamentos e serviços turísticos presentes na área estudada e ao seu redor. Assim, será possível analisar se os atrativos em si, possuem condições de serem inseridos em um roteiro turístico com a temática voltada a arqueologia.

3.3.2 Tabulação e interpretação dos dados

Após a realização das visitas e a observação direta dos locais selecionados, será desenvolvida a análise SWOT, através das percepções sobre os atrativos, com a finalidade de descobrir o que precisa ser melhorado e quais características positivas devem ser maximizadas. Também será feita a hierarquização dos mesmos, por meio da análise da ficha devidamente preenchida, conforme modelo já apresentado.

Para a realização da análise SWOT, será confeccionada uma tabela, onde serão listados todos os pontos que se encaixam nos quatro itens analisados: oportunidades e ameaças (fatores externos); pontos fortes e fracos (fatores internos). Pode-se entender com mais clareza melhor esse aspecto, observando o modelo de análise proposto por Petrocchi:

OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
<ul style="list-style-type: none"> • Atuação de operadoras nacionais • Organização de <i>time sharing</i> • Malha rodoviária • Clima • Expansão do mercado turístico • Cruzeiros marítimos (nos casos de litoral) 	<ul style="list-style-type: none"> • Estradas em más condições • Segurança pública no estado • Tráfico de drogas • Turismo sexual internacional • Deficiências na malha aérea • Preços de passagens • Ofertas concorrentes de melhor

<ul style="list-style-type: none"> • Existência de aeroporto • Comunicações • Internet • Ações promocionais governamentais 	<p>qualidade</p> <ul style="list-style-type: none"> • Preços de pacotes de destinos concorrentes • Investimentos promocionais de áreas concorrentes • Competição com destinos internacionais • Deficiências na telefonia celular • Deficiências em conexões com Internet
<p style="text-align: center;">PONTOS FORTES</p> <ul style="list-style-type: none"> • Hospitalidade • Recursos naturais • História • Tradições culturais • Festejos tradicionais • Gastronomia • Artesanato • Espaço para eventos • Grupos folclóricos • Rede hoteleira 	<p style="text-align: center;">PONTOS FRACOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Baixo nível de associativismo • Falta de gestão compartilhada; inexistência de planejamento e marketing do destino • Inexistência de estatísticas do turismo • Inexistência de pacotes turísticos • Falta de agência de turismo receptivo • Sazonalidade; muitos meses com baixa ocupação hoteleira e sazonalidade semanal • Não existem ações coordenadas em promoção do destino • Falta de conscientização da comunidade para o turismo • Falta de apoio político para o setor • Deficiências na limpeza pública, no recolhimento de lixo e saneamento • Níveis de criminalidade • Níveis insatisfatórios de prestação de serviços • Falta de sintonia entre áreas pública e privada • Crescimento urbano descontrolado • Poluição visual e sonora • Qualificação profissional deficiente

Tabela 2: Pontos a analisar - Análise SWOT
 Fonte: PETROCCHI, 2008, pag. 118

Observa-se que, nem todos os aspectos mencionados acima, se enquadram no presente estudo. Porém, este é apenas um modelo que será seguido para confecção de uma tabela específica, pontuando os aspectos analisados através da visita aos locais selecionados.

Será elaborada uma tabela para cada um dos locais visitados, para que seja possível desenvolver ações de forma que os pontos positivos se sobressaiam em relação aos negativos; e as oportunidades superem as ameaças, como observa-se na figura a seguir:

		Aproximação interna		
		Lista das forças	Lista das fraquezas	Um estudo das razões pelas quais as forças superam as fraquezas
Aproximação externa	Lista das Oportunidades	Como as oportunidades podem ser maximizadas?	Como reunir as forças para tirar proveito das oportunidades?	Como as fraquezas podem ser corrigidas para tirar proveito das oportunidades?
	Lista das Ameaças	Como as ameaças podem ser minimizadas?	Como reunir as forças para reduzir as ameaças?	Como as fraquezas e as ameaças podem ser minimizadas?
	Um estudo das razões pelas quais as oportunidades minimizam as ameaças			

Figura 2: Aproximação interna e externa - Análise SWOT
 Fonte: EuropeAID – Co-Operation Office.

Dessa forma, poderá ser observado com maior clareza quais aspectos precisam ser melhorados e quais problemas devem ser minimizados, além das características positivas que devem ser exploradas e maximizadas.

Também será realizada a transcrição de todas as entrevistas, expondo os resultados obtidos através dos questionamentos aplicados, complementando a pesquisa já feita com a revisão de literatura, e comparando as informações, de modo a atender ao objetivo da pesquisa em questão. Dessa forma pode-se confrontar os conceitos e o que acontece na prática, analisando a situação atual do que está sendo estudado e verificando se o que se pretende propor, será realmente viável.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Após a realização da pesquisa documental e a apresentação dos procedimentos metodológicos, foi realizada a pesquisa de campo, com a finalidade de observar e analisar a situação atual dos sítios arqueológicos selecionados para o presente estudo, bem como a potencialidade turística dos

mesmos. Apresenta-se abaixo os dados coletados através das entrevistas com os responsáveis e/ou pesquisadores dos sítios arqueológicos dos Campos Gerais.

4.1 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Conforme proposto nos procedimentos metodológicos desta pesquisa, foram realizadas entrevistas com pessoas responsáveis e/ou com grande conhecimento em relação às áreas analisadas. Foi determinado também, que seriam feitas visitas aos locais estudados, fato este, que não foi possível, devido a compromissos de trabalho, e impossibilidade de conseguir férias no período da pesquisa. Desse modo, as entrevistas foram realizadas por e-mail, e os resultados obtidos encontram-se descritos abaixo.

Em Ponta Grossa, os locais selecionados foram: Abrigo Usina São Jorge, Sumidouro do Rio Quebra-Perna e Buraco do Padre, e o Parque Estadual Vila Velha. Segue abaixo as entrevistas realizadas:

a) Parque Estadual Vila Velha: a entrevista sobre o Parque Estadual Vila Velha foi realizada com a Sra. Maria Angela Dalcomune, gerente geral do Parque. A entrevistada informou que a gestão do local é de responsabilidade do Instituto Ambiental do Paraná, sendo que o parque é uma Unidade de Conservação. Com relação ao turismo, há uma forma de controle e uso do Parque para a atividade. Como explica Maria Angela, todas as atividades relacionadas a visitantes estão descritas no Plano de Manejo do Parque, no Programa de Uso Público, que engloba estudo de capacidade de carga, funcionamento, normas e estruturas de visitação. Todas as visitas são controladas, podendo ser guiadas ou monitoradas, dependendo do objetivo do grupo que realiza a visitação. Para excursões, faz-se a necessidade de prévio agendamento. O que mais chama atenção dos visitantes é a Geologia em si, sendo que os principais atrativos do Parque são: a trilha dos arenitos (atrativo com maior visitação), a lagoa dourada e furnas (roteiros tradicionais e básicos), a trilha da fortaleza (16 km) e a caminhada noturna (ambas sob agendamento). Em relação a outros projetos e estudos, a Gerente do Parque informou que não há um estudo sobre os impactos gerados no local pelo uso do turismo, assim como projetos de desenvolvimento ou melhoria. As ações de marketing são desenvolvidas pela Secretaria de Turismo e não existem parcerias com

agências de turismo receptivo. Em relação ao apoio do governo, o mesmo é responsável pelo pagamento de todas as despesas do Parque. Quanto às informações fornecidas aos visitantes em relação aos atrativos, podem ser encontrados painéis, placas, folders e outros materiais, além do *website* e do *Facebook* do local. Para finalizar, Maria Angela destacou os pontos fortes e fracos do Parque. Como pontos positivos a entrevistada destacou que o local possui uma área natural dos Campos Gerais bem conservada; o Parque é bastante estudado pela comunidade científica; e conta com projetos de manejo e restauração dos campos naturais, inéditos no Brasil. Como pontos fracos, a Gerente destacou que a região do entorno não despertou para absorver o público do parque; e o fato da administração ser pública, há uma demora na tomada de decisões.

b) Sumidouro do Rio Quebra-Perna e Buraco do Padre: a entrevista foi realizada com o Sr. Mário Sérgio de Melo, Geólogo, Dr. Em Geologia Sedimentar, professor associado do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Ponta Grossa, e pesquisador na área de arqueologia dos Campos Gerais. Sr. Mário declarou, que o local em questão trata-se de uma propriedade particular, situando-se dentro da APA da Escarpa Devoniana, que acaba de ter seu plano de manejo redefinido. Quanto à visitação turística, a mesma é direcionada ao Buraco do Padre, onde existem trilhas e cachoeiras. Na região do Sumidouro, onde encontra-se as gravuras rupestres, há somente o acesso a pesquisadores, que precisam de autorização prévia do proprietário. De acordo com o entrevistado, o local é composto por cavernas, corredeiras e formas erosivas indicativas de processo de dissolução mineral, com pelo menos dois abrigos sob rocha contendo marcantes pinturas rupestres. Como o local onde encontram-se as inscrições não é acessado turisticamente, Sr. Mário desconhece projetos de desenvolvimento e ações do governo para tal finalidade, assim como ações de marketing que divulguem o atrativo e parcerias com agências de turismo receptivo. Toda essa questão é novamente voltada à área do Buraco do Padre. Segundo ele, o uso do local pelo turismo poderia gerar degradação das pinturas, dos arenitos, das feições de relevo, vegetação e solo nas trilhas, assim como estresse de animais. Finalizando os questionamentos, o Geólogo expôs suas considerações a respeito dos pontos fortes e fracos do local. Segundo Mário os pontos “fortes são os próprios

atrativos. Fraco é não dispor de nenhuma infraestrutura para a visitação, pois como trata-se de um local extremamente vulnerável, qualquer visitação deve ser realizada com muito cuidado”.

c) Abrigo Usina São Jorge: Alessandro Giulliano Chagas Silva foi o escolhido para falar sobre o Abrigo. É bacharel e licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, desenvolveu sua monografia a respeito do Abrigo Usina São Jorge, e atualmente desenvolve um projeto chamado Arqueotrekking, o qual realiza passeios a roteiros arqueológicos na região dos Campos Gerais, em especial nas cidades de Ponta Grossa, Tibagi e Piraí do Sul. Alessandro declarou que há um impasse em relação a responsabilidade sobre o local, que não é uma Unidade de Conservação. Pelo fato do mesmo estar localizado próximo a uma linha férrea da ALL (América Latina Logística) e ao mesmo tempo próximo a estrada de acesso a Usina São Jorge da COPEL, até o momento não se definiu de quem é a responsabilidade da área. Na opinião de Alessandro, a administração deveria ser feita pelo município, pelo fato de se tratar de um sítio arqueológico. Em relação a visitação turística, o entrevistado afirmou que não há nenhum tipo de controle ou monitoramento, nem estudos sobre a capacidade de visitantes no Abrigo. O guiamento até o local é feito somente por pessoas que conhecem e tentam preservar a área, como é o caso do Projeto Arqueotrekking. Na questão dos projetos existentes para o desenvolvimento ou melhoria da área estudada, Alessandro declarou que acredita que o único existente é o Projeto Arqueotrekking, cujo objetivo é realizar saídas de campo com alunos das escolas municipais, pesquisadores e demais interessados na arqueologia, mostrando a importância do Patrimônio Cultural e Arqueológico da cidade. O entrevistado afirma também, que acredita que os impactos gerados pelo turismo podem ser os menores possíveis, desde que a visitação seja feita com guiamento e monitoramento adequados. Não há parcerias com agência de turismo receptivo, nem ações de marketing elaboradas para promover o Abrigo. O governo também não proporciona apoio algum, sendo que o entrevistado afirmou que o Arqueotrekking está à procura de alguma parceria para desenvolver corretamente o turismo arqueológico na região. Os principais atrativos encontrados são, além dos belos visuais dos Campos Gerais, o vale do Rio Pitangui com suas formações rochosas e especialmente o rico acervo

rupestre. Não há no local nenhuma informação disponibilizada aos visitantes a respeito dos atrativos. Somente uma placa disponibilizada pelo Arqueotrekking em parceria com o Grupo Grafismo Rupestre, que informa aos visitantes que eles estão em um sítio arqueológico e quais cuidados devem ser tomados. Segundo Alessandro, o que mais chama atenção dos visitantes é a grande representatividade das pinturas, em especial a “cena dos cervídeos”, apresentada na imagem abaixo.



Figura 3: Cena dos Cervídeos
Fonte: Grafismo Rupestre

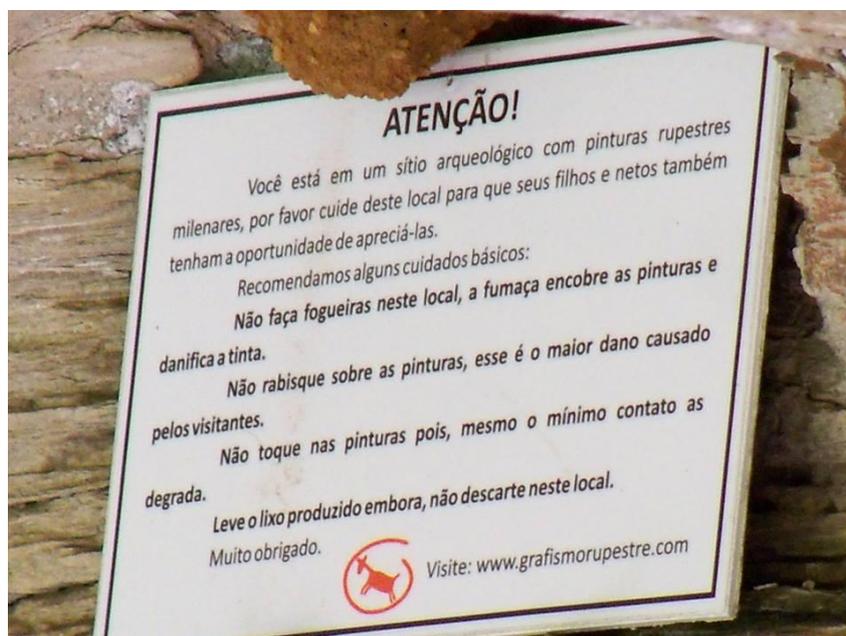


Figura 4: Placa informativa - Abrigo Usina São Jorge
Fonte: Grafismo Rupestre

Para finalizar, Alessandro destacou os pontos que considera fortes e fracos, considerando positiva a imensa riqueza e representatividade rupestre dos sítios arqueológicos bem como a beleza cênica do local. O fator negativo

destacado por ele seria a falta de apoio e interesse dos governantes em relação ao patrimônio arqueológico.

Já no município de Tibagi, o local selecionado foi o Parque Estadual do Guartelá, devido à presença de gravuras e inscrições rupestres. Para obter as informações necessárias à pesquisa, foram realizadas duas entrevistas. A primeira foi feita com o Sr. Manoel Serino dos Santos, proprietário da empresa Itambé do Guartelá Ecoturismo. Vale a pena destacar que existem duas áreas distintas onde podem ser encontradas as pinturas rupestres: uma delas é dentro do Parque Estadual, e a outra no Recanto Ecológico da Dora e Fazenda São Damásio. Devido à proximidade, esses locais são muitas vezes, confundidos. No presente trabalho serão levados em conta os vestígios arqueológicos localizados no interior do Guartelá.

Conforme informou o Sr. Manoel, O Parque Estadual do Guartelá é uma Unidade de Conservação e está sob a responsabilidade do Estado, tendo como principais atrativos o grande Itambé do Guartelá (Canyon), com 32 km de extensão, contendo lapas de pinturas rupestres, além de cachoeiras, o próprio rio Iapó e instigantes formações rochosas. Para a visita geral do Parque, não é necessário agendamento prévio. Na chegada o visitante assiste a um vídeo sobre as unidades de conservação do Estado e recebe orientações sobre o comportamento durante o passeio no local. Em se tratando da área específica das pinturas rupestres, a mesma só pode ser visitada juntamente com um guia, em um grupo máximo de 10 pessoas, sendo que em dias chuvosos a visita não é permitida, devido à fragilidade dos arenitos existentes na trilha. De acordo com o entrevistado, o que mais chama atenção dos visitantes são as belezas cênicas existentes entre os campos e os arenitos.

Segundo o Sr. Manoel, em se tratando de projetos para melhoria do turismo no local, no Parque Estadual do Guartelá já são aplicados planos de melhoria das atividades turística, os quais regulamentam a visitação e proteção das pinturas rupestres para futuras gerações. Quando questionado a respeito dos possíveis impactos gerados pelo turismo, Manoel destacou que os principais seriam os impactos ambientais nos arenitos, pois os mesmos são extremamente frágeis. Segundo ele, alguns visitantes podem causar danos ao patrimônio por falta de conhecimento sobre a fragilidade do arenito, que, devido à ação da natureza, escama e perde parte do teto nas lapas. Pode ocorrer

pisoteio nos arenitos e causar desgastes, além do fato de caminhar nas trilhas em dias chuvosos, o que pode ocasionar erosões.

Quanto às ações de marketing desenvolvidas, o entrevistado afirmou que a Setur (Secretaria de Turismo de Tibagi) divulga os atrativos do município, e inclui os sítios arqueológicos. Já o governo do Estado não investe em marketing para o Parque Estadual do Guartelá e nem para o Município. Não há material de divulgação sobre a Unidade de Conservação, tampouco sobre as pinturas rupestres – atrativo histórico cultural relictual de Tibagi. Grande parte da divulgação é feita pelos proprietários de operadora de turismo, que buscam um aumento da clientela interessada no turismo cultural, utilizando-se dos meios eletrônicos, em redes sociais ou paginas virtuais, ou por meio de arte visuais tais como placas nas estradas rurais e rodovia. O apoio do governo municipal pode ser observado também, segundo Manoel, no trabalho realizado por eles em relação à infraestrutura básica, como melhoria de estradas, centros de informações turísticas, comunicação, entre outros.

A outra entrevista sobre o Parque Estadual do Guartelá foi realizada com a Sra. Juliana Rezende Nogueira, coordenadora de Turismo da Secretaria de Turismo de Tibagi. A entrevistada expôs suas considerações a respeito do que considera positivo e negativo no atrativo, tratando exclusivamente das pinturas rupestres. Como pontos fortes Juliana destacou a beleza cênica do local; a facilidade de acesso; a quantidade de estudos existentes; a existência da capacidade de carga diária (40 pessoas por dia tem acesso à área das pinturas); e a presença de um guia durante a visitação. Como pontos fracos, a coordenadora de Turismo destacou a pouca utilização da imagem das pinturas rupestres em souvenirs, assim como a sua pouca divulgação. Juliana também analisou aspectos relacionados à potencialidade da área, que serão expostos mais a frente.

O terceiro, e último, município selecionado para a pesquisa, foi Piraí do Sul. Foi proposto na metodologia, realizar entrevistas com os responsáveis pelos seguintes locais: Vale do Eco, Fazenda Cercado Grande e Abrigo Santa Rita I e II. Só foram obtidas respostas referentes a esta primeira área abordada. O contato com a Fazenda Cercado Grande não foi possível, pois os telefones informados não completavam ligação. Quanto ao Abrigo Santa Rita I e II, não foi possível localizar nenhum responsável pela área ou alguma outra

pessoa para contato. Foi solicitado a Sra. Karen Kobilarz, gerente da Agência de Desenvolvimento do Turismo dos Campos Gerais e Diretora de Captação de Recursos na Fumtur (Ponta Grossa), os contatos desses dois locais, sendo que Karen, também não conseguiu localizar alguém capaz de responder aos questionamentos. Dessa forma, expõe-se a seguir, os resultados obtidos na entrevista sobre o Vale do Eco.

As perguntas foram respondidas pelo Sr. Jean Marie Polli, físico e participante do grupo Grafismo Rupestre, que conta com um *website* e uma página no *Facebook*, onde são disponibilizadas informações, relatos e experiências de pesquisadores e aventureiros interessados em arqueologia, especialmente pinturas rupestres.

Jean declarou que o Vale do Eco, que não se trata de uma Unidade de Conservação, é uma propriedade particular, onde existe a Pousada Serra do Pirahy, cujo dono é o Sr. Emerson, que além de proprietário das terras e da pousada, é o guia para as trilhas que levam aos atrativos do Vale. Os principais atrativos do local são: quatro sítios arqueológicos com pinturas rupestres; um sítio arqueológico com petróglifos; trilhas pelas matas, vales e campos; cachoeiras, lajeados, arenitos; e animais silvestres, sendo as cachoeiras e os sítios arqueológicos, as áreas mais visitadas dentro do Vale. Em relação à visita, é necessário agendamento prévio, sendo que o visitante pode também se hospedar na pousada e realizar diversas trilhas ao longo da estadia. As informações fornecidas aos visitantes, bem como as ações de marketing e divulgação, são disponibilizadas somente no *website* da Pousada.

Quanto aos projetos de melhoria da atividade turística, Jean informou que desconhece tal aspecto. Não há apoio do governo, tanto municipal, quanto estadual, assim como parcerias com agências de turismo receptivo. Em se tratando dos impactos que podem ser gerados pela atividade turística, o entrevistado alegou que a degradação dos sítios arqueológicos e do meio ambiente em si, seriam as que mereciam maior atenção.

Para encerrar, Jean comentou a respeito dos pontos positivos e negativos do Vale do Eco. Como características fortes, destacou o atendimento caseiro da Pousada e o acompanhamento do guia durante as trilhas, além das atrações arqueológicas e naturais. Como fraqueza, o entrevistado apontou a dificuldade no acesso a informações sobre o local.

Propôs-se também na metodologia, analisar a potencialidade de cada um dos atrativos estudados, com a finalidade de descobrir qual a real situação do atrativo, assim como suas condições para receber um fluxo de visitantes.

Expõe-se abaixo, a análise da potencialidade de cada uma das áreas selecionadas para a pesquisa, iniciando pelo Parque Estadual Vila Velha. A Gerente Geral do Parque, Sra. Maria Angela Dalcomune, destacou os aspectos que, na sua opinião, mais se adequam a situação atual do local, como pode ser observado a seguir:

<p>A área protegida</p> <ul style="list-style-type: none"> • Está perto de um aeroporto internacional ou de um centro turístico importante • Razoavelmente perto • afastado 	<p>A área tem</p> <ul style="list-style-type: none"> • muito interesse cultural adicional • algumas atrações culturais adicionais • poucas atrações culturais 	<p>A área está suficientemente perto de outras localidades de interesse turístico para fazer parte de um itinerário turístico?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sim • Potencialmente moderado • Potencialmente baixo ou nulo
<p>A viagem até essa área</p> <ul style="list-style-type: none"> • é fácil e confortável • requer algum esforço • é difícil e perigosa 	<p>A área é</p> <ul style="list-style-type: none"> • única no seu aspecto • algo diferente • semelhante a outras reservas naturais 	<p>A área circundante é</p> <ul style="list-style-type: none"> • de uma beleza panorâmica ímpar • razoavelmente atrativa • banal
<p>A área tem</p> <ul style="list-style-type: none"> • várias características interessantes • mais de uma característica interessante • uma característica principal • interessante 	<p>A área tem</p> <ul style="list-style-type: none"> • instalações de recreio • junto a uma praia ou lago • rios, cascatas ou piscinas • nenhum tipo de atividades aquáticas 	<p>A gastronomia local é</p> <ul style="list-style-type: none"> • variada e bem confeccionada • adequada • comum
<p>A área disponibiliza</p> <ul style="list-style-type: none"> • Comunicação interpretativa sobre o patrimônio arqueológico (placas, folders, etc.) • Pouca informação a respeito do atrativo • Nenhuma informação 		<p>Os padrões de qualidade dos alojamentos são</p> <ul style="list-style-type: none"> • variados e confortáveis • adequados • pobres • não existem

Tabela 3: Potencialidade Turística - Parque Estadual de Vila Velha

Sr. Mário Sérgio de Melo, selecionou também as características que mais se assemelham a realidade, em relação ao Sumidouro do Rio Quebra-Perna e Buraco do Padre, conforme observa-se abaixo:

A área protegida <ul style="list-style-type: none"> • Está perto de um aeroporto internacional ou de um centro turístico importante • Razoavelmente perto • afastado 	A área tem <ul style="list-style-type: none"> • muito interesse cultural adicional • algumas atrações culturais adicionais • poucas atrações culturais 	A área está suficientemente perto de outras localidades de interesse turístico para fazer parte de um itinerário turístico? <ul style="list-style-type: none"> • Sim • Potencialmente moderado • Potencialmente baixo ou nulo
A viagem até essa área <ul style="list-style-type: none"> • é fácil e confortável • requer algum esforço • é difícil e perigosa 	A área é <ul style="list-style-type: none"> • única no seu aspecto • algo diferente • semelhante a outras reservas naturais 	A área circundante é <ul style="list-style-type: none"> • de uma beleza panorâmica ímpar • razoavelmente atrativa • banal
A área tem <ul style="list-style-type: none"> • várias características interessantes • mais de uma característica interessante • uma característica principal • interessante 	A área tem <ul style="list-style-type: none"> • instalações de recreio • junto a uma praia ou lago • rios, cascatas ou piscinas • nenhum tipo de atividades aquáticas 	A gastronomia local é <ul style="list-style-type: none"> • variada e bem confeccionada • adequada • comum • não há
A área disponibiliza <ul style="list-style-type: none"> • Comunicação interpretativa sobre o patrimônio arqueológico (placas, folders, etc.) • Pouca informação a respeito do atrativo • Nenhuma informação 		Os padrões de qualidade dos alojamentos são <ul style="list-style-type: none"> • variados e confortáveis • adequados • pobres • não existem

Tabela 4: Potencialidade Turística - Sumidouro do Rio Quebra-Perna e Buraco do Padre

Alessandro Giulliano Chagas Silva destacou na tabela abaixo, os pontos que considera adequados a localidade Abrigo Usina São Jorge:

A área protegida <ul style="list-style-type: none"> • Está perto de um aeroporto internacional ou de um centro turístico importante • Razoavelmente perto • afastado 	A área tem <ul style="list-style-type: none"> • muito interesse cultural adicional • algumas atrações culturais adicionais • poucas atrações culturais 	A área está suficientemente perto de outras localidades de interesse turístico para fazer parte de um itinerário turístico? <ul style="list-style-type: none"> • Sim • Potencialmente moderado • Potencialmente baixo ou nulo
A viagem até essa área <ul style="list-style-type: none"> • é fácil e confortável • requer algum esforço • é difícil e perigosa 	A área é <ul style="list-style-type: none"> • única no seu aspecto • algo diferente • semelhante a outras reservas naturais 	A área circundante é <ul style="list-style-type: none"> • de uma beleza panorâmica ímpar • razoavelmente atrativa

<p>A área tem</p> <ul style="list-style-type: none"> várias características interessantes mais de uma característica interessante uma característica principal interessante 	<p>A área tem</p> <ul style="list-style-type: none"> instalações de recreio junto a uma praia ou lago rios, cascatas ou piscinas nenhum tipo de atividades aquáticas 	<ul style="list-style-type: none"> banal <p>A gastronomia local é</p> <ul style="list-style-type: none"> variada e bem confeccionada adequada comum
<p>A área disponibiliza</p> <ul style="list-style-type: none"> Comunicação interpretativa sobre o patrimônio arqueológico (placas, folders, etc.) Pouca informação a respeito do atrativo Nenhuma informação 		<p>Os padrões de qualidade dos alojamentos são</p> <ul style="list-style-type: none"> variados e confortáveis adequados pobres não existem

Tabela 5: Potencialidade Turística - Abrigo Usina São Jorge

Juliana Rezende Nogueira destacou na tabela abaixo, as características mais próximas à realidade, quando se trata do Parque Estadual do Guartelá, incluindo também comentários adicionais:

<p>A área protegida</p> <ul style="list-style-type: none"> Está perto de um aeroporto internacional ou de um centro turístico importante (18 km do Centro Histórico de Tibagi) Razoavelmente perto afastado 	<p>A área tem</p> <ul style="list-style-type: none"> muito interesse cultural adicional (Cultura dos guartelhanos, gastronomia local, lendas e causos) algumas atrações culturais adicionais poucas atrações culturais 	<p>A área está suficientemente perto de outras localidades de interesse turístico para fazer parte de um itinerário turístico?</p> <ul style="list-style-type: none"> Sim (Próximo a Castro, Telêmaco e Pirai do Sul) Potencialmente moderado Potencialmente baixo ou nulo
<p>A viagem até essa área</p> <ul style="list-style-type: none"> é fácil e confortável requer algum esforço (São trilhas fáceis, porém um pouco mais longas que as habituais) é difícil e perigosa 	<p>A área é</p> <ul style="list-style-type: none"> única no seu aspecto algo diferente (Se localiza junto ao 6º maior cânion do mundo – o Guartelá) semelhante a outras reservas naturais 	<p>A área circundante é</p> <ul style="list-style-type: none"> de uma beleza panorâmica ímpar (Além do cânion, existem cachoeiras, a paisagem típica de cerrado, campos e aves nativas.) razoavelmente atrativa banal
<p>A área tem</p> <ul style="list-style-type: none"> várias características interessantes mais de uma 	<p>A área tem</p> <ul style="list-style-type: none"> instalações de recreio junto a uma praia ou lago 	<p>A gastronomia local é</p> <ul style="list-style-type: none"> variada e bem confeccionada adequada comum

<p>característica interessante</p> <ul style="list-style-type: none"> • uma característica principal • interessante 	<ul style="list-style-type: none"> • rios, cascatas ou piscinas • nenhum tipo de atividades aquáticas 	
<p>A área disponibiliza</p> <ul style="list-style-type: none"> • Comunicação interpretativa sobre o patrimônio arqueológico (placas, folders, etc.) (Para conhecer as pinturas rupestres em Tibagi, é obrigatório o acompanhamento com condutor local) • Pouca informação a respeito do atrativo • Nenhuma informação 		<p>Os padrões de qualidade dos alojamentos são</p> <ul style="list-style-type: none"> • variados e confortáveis • adequados • pobres • não existem

Tabela 6: Potencialidade Turística - Parque Estadual do Guartelá

Jean Marie Polli, membro do grupo Grafismo Rupestre, apontou na tabela abaixo, os pontos pertinentes em relação ao Vale do Eco:

<p>A área protegida</p> <ul style="list-style-type: none"> • Está perto de um aeroporto internacional ou de um centro turístico importante • Razoavelmente perto • afastado 	<p>A área tem</p> <ul style="list-style-type: none"> • muito interesse cultural adicional • algumas atrações culturais adicionais • poucas atrações culturais 	<p>A área está suficientemente perto de outras localidades de interesse turístico para fazer parte de um itinerário turístico?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sim • Potencialmente moderado • Potencialmente baixo ou nulo
<p>A viagem até essa área</p> <ul style="list-style-type: none"> • é fácil e confortável • requer algum esforço • é difícil e perigosa 	<p>A área é</p> <ul style="list-style-type: none"> • única no seu aspecto • algo diferente • semelhante a outras reservas naturais 	<p>A área circundante é</p> <ul style="list-style-type: none"> • de uma beleza panorâmica ímpar • razoavelmente atrativa • banal
<p>A área tem</p> <ul style="list-style-type: none"> • várias características interessantes • mais de uma característica interessante • uma característica principal • interessante 	<p>A área tem</p> <ul style="list-style-type: none"> • instalações de recreio • junto a uma praia ou lago • rios, cascatas ou piscinas • nenhum tipo de atividades aquáticas 	<p>A gastronomia local é</p> <ul style="list-style-type: none"> • variada e bem confeccionada • adequada • comum
<p>A área disponibiliza</p> <ul style="list-style-type: none"> • Comunicação interpretativa sobre o patrimônio arqueológico (placas, folders, etc.) 		<p>Os padrões de qualidade dos alojamentos são</p> <ul style="list-style-type: none"> • variados e confortáveis • adequados • pobres

<ul style="list-style-type: none"> • Pouca informação a respeito do atrativo • Nenhuma informação 		<ul style="list-style-type: none"> • não existem
---	--	---

Tabela 7: Potencialidade Turística - Vale do Eco

Após a análise dos dados obtidos através das entrevistas, é possível realizar a análise SWOT de cada um dos locais estudados, como proposto nos procedimentos metodológicos, como observa-se a seguir:

a) Parque Estadual Vila Velha – Ponta Grossa

Pontos fortes <ul style="list-style-type: none"> • Riqueza de áreas naturais; • Bom estado de conservação do patrimônio natural; • Área bastante estudada, sendo alvo de pesquisas e investimentos; • Grande visibilidade no Estado do Paraná; • Local já conhecido turisticamente pelos moradores do Estado; 	Pontos fracos <ul style="list-style-type: none"> • A falta de interesse das regiões do entorno em se envolver com a atividade turística; • A demora na tomada de decisões, por se tratar de um local sob a responsabilidade do governo;
Oportunidades <ul style="list-style-type: none"> • Local fica relativamente próximo a capital do Estado e ao aeroporto internacional (aproximadamente 100 km); • Próximo ao perímetro urbano da cidade de Ponta Grossa, onde é possível encontrar meios de hospedagem, restaurantes, entre outros; • Acesso fácil e adequado; • Apoio do governo às questões ligadas ao Parque; 	Ameaças <ul style="list-style-type: none"> • Não encontra-se muito próximo a outras áreas de grande relevância turística, somente a locais de menor atratividade; • Possui uma área circundante razoavelmente atrativa;

Tabela 8: Análise SWOT - Parque Estadual de Vila Velha

b) Abrigo Usina São Jorge – Ponta Grossa

Pontos fortes <ul style="list-style-type: none"> • A beleza natural e cênica do Abrigo; • A riqueza e a diversidade de gravuras rupestres; • Interesse dos grupos Arqueotrekking e Grafismo Rupestre em divulgar o local, e promover a visitação turística ao Abrigo; 	Pontos fracos <ul style="list-style-type: none"> • Ausência de controle e monitoramento dos visitantes; • Marketing e divulgação inexistentes por parte do governo; • Inexistência de informações aos visitantes no local;
---	--

<p>Oportunidades</p> <ul style="list-style-type: none"> • Encontra-se a aproximadamente 100 km do aeroporto e da capital do estado; • Localiza-se no mesmo município do Parque Estadual Vila Velha; • Proximidade do centro do município de Ponta Grossa, onde pode-se encontrar meios de hospedagem, restaurantes, entre outros. 	<p>Ameaças</p> <ul style="list-style-type: none"> • Descaso em relação à administração e responsabilidade do Abrigo (impasse entre o governo, a Copel e a ALL); • Pela falta informação, o acesso se torna um pouco restrito, pois não existe sinalização e/ou indicações da localização do abrigo;
---	--

Tabela 9: Análise SWOT - Abrigo Usina São Jorge

c) Sumidouro do Rio Quebra-Perna e Buraco do Padre – Ponta Grossa

<p>Pontos fortes</p> <ul style="list-style-type: none"> • Rico patrimônio natural e cultural; • Representatividade das gravuras rupestres; • O Sumidouro encontra-se praticamente integrado ao Buraco do Padre, local este, bastante visitado e conhecido na região; 	<p>Pontos fracos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Foco da visitação turística é somente na área do Buraco do Padre. O Sumidouro é um local acessado somente por pesquisadores; • Inexistência de projetos para desenvolver o turismo no local; • Ausência de ações de marketing e divulgação; • Inexistência de informações aos visitantes, sendo as pinturas rupestres, desconhecidas pela maior parte das pessoas que visitam o local; • Ausência de infraestrutura para visitação;
<p>Oportunidades</p> <ul style="list-style-type: none"> • Proximidade de locais já visitados, como o Parque Estadual Vila Velha e o Buraco do Padre; • Distância relativamente pequena da capital do estado e do aeroporto internacional; • Proximidade do centro do município de Ponta Grossa, onde pode-se encontrar meios de hospedagem, restaurantes, entre outros. 	<p>Ameaças</p> <ul style="list-style-type: none"> • Falta de interesse do governo em desenvolver o turismo na área do Sumidouro;

Tabela 10: Análise SWOT - Sumidouro do Rio Quebra-Perna e Buraco do Padre

d) Parque Estadual do Guartelá – Tibagi

<p>Pontos fortes</p> <ul style="list-style-type: none"> • Grande beleza cênica do local; • Existência de estudos sobre capacidade de carga, que auxiliam na preservação e conservação das pinturas rupestres; • Monitoramento das visitas as inscrições rupestres, o que gera maior cuidado com a área e possibilita ao visitante obter um maior número de informações; • Existência de uma empresa especializada em realizar trilhas e passeios pelo Parque; • Presença de rios e cachoeiras, que atraem um maior número de visitantes; 	<p>Pontos fracos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Falta de divulgação da área das pinturas rupestres, sendo que o foco do marketing é baseado no Cânion, em si; • Pouca utilização das pinturas rupestres em matérias de divulgação e souvenirs; • A área é um pouco restrita, pois é necessário andar por trilhas e caminhos não adaptados, o que torna o acesso não tão fácil, requerendo algum esforço.
<p>Oportunidades</p> <ul style="list-style-type: none"> • Facilidade de acesso ao local; • Singularidade do Parque, visto que o mesmo abriga o sexto maior cânion do mundo; • Patrimônio natural aliado a história e a cultura, promovem uma experiência diferenciada ao visitante; • Auxílio da Secretaria de Turismo nas questões de marketing e divulgação; 	<p>Ameaças</p> <ul style="list-style-type: none"> • O acesso aéreo é limitado, devido a distancia do aeroporto internacional; • Não está extremamente próximo a outros atrativos turísticos de grande relevância;

Tabela 11: Análise SWOT - Parque Estadual do Guartelá

e) Vale do Eco – Piraí do Sul

<p>Pontos fortes</p> <ul style="list-style-type: none"> • Presença de cinco sítios arqueológicos na mesma propriedade, sendo um deles com petróglifos; • Possibilidade de se hospedar no local; • Exuberância da paisagem; • Presença de rios e cachoeiras; • Atividades monitoradas, com a presença de um guia local, o que transmite maiores informações aos visitantes; 	<p>Pontos fracos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade em encontrar informações a respeito do local (o <i>website</i> da pousada possui apenas telefone, não há e-mail. Como o local é um pouco afastado, as vezes os telefones celulares informados no <i>website</i> não funcionam direito); • A escassez de informações a respeito dos atrativos dentro da propriedade;
--	--

Oportunidades <ul style="list-style-type: none"> • Acesso facilitado; • Concentração de vários atrativos no mesmo local; 	Ameaças <ul style="list-style-type: none"> • Falta de apoio do governo; • Ausência de interesse por parte dos órgãos públicos em promover uma divulgação maior do atrativo; • Acesso aéreo limitado, devido à relativa distância do aeroporto internacional;

Tabela 12: Análise SWOT - Vale do Eco

Foi proposto também, realizar a hierarquização de cada um dos atrativos previamente selecionados para análise. Esse procedimento não poderá ser realizado, visto que, a maioria dos pontos enumerados, depende da observação direta dos locais, fato que, não foi possível, devido a compromissos de trabalho, como já justificado anteriormente. Desse modo, a interpretação dos dados e a continuidade do projeto, serão baseados somente nas entrevistas, que envolvem a análise da potencialidade dos locais, e na análise SWOT exposta acima.

4.2 INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Considerando os dados obtidos através das entrevistas, é possível interpretar agora, os resultados alcançados com a pesquisa. Para melhor compreensão dos mesmos, faz-se necessário pontuar cada um dos locais analisados, de maneira distinta, para que, posteriormente, seja possível buscar subsídios para propor um roteiro integrando os atrativos de maior relevância e com maior potencialidade para o turismo. Inicia-se a interpretação pelos atrativos do município de Ponta Grossa.

a) Parque Estadual Vila Velha

Considerando a entrevista realizada com a Gerente Geral do Parque e a análise SWOT feita do local, pode-se verificar que o Parque Estadual Vila

Velha possui grande potencial para integrar um roteiro turístico. As razões são as mais diversas possíveis: a riqueza cênica do local, assim como o seu bom estado de conservação; a visibilidade do Parque no cenário do turismo no Paraná, assim como o uso da área para o turismo e para pesquisa; o apoio do governo para a atividade turística e as condições facilitadas de acesso.

A área protegida, que é única em seu aspecto, encontra-se razoavelmente perto de um aeroporto internacional (a aproximadamente 100 km de Curitiba), possui algumas atrações culturais adicionais, está moderadamente próximo a outras localidades de interesse turístico, tem uma viagem fácil e confortável, com vias asfaltadas. O Parque possui uma área circundante razoavelmente atrativa, com uma característica principal interessante, porém não conta com nenhuma atividade aquática. É possível encontrar placas e folders, que fornecem uma comunicação interpretativa sobre o patrimônio visitado. A gastronomia local é considerada comum, assim como os meios de hospedagem são tidos como adequados. Não há nenhum meio de hospedagem no interior do Parque, porém, o local está próximo ao centro de Ponta Grossa, onde é possível encontrar diversas opções de hotéis.

A falta de interesse das regiões do entorno, tido como ponto fraco do atrativo, é uma questão que pode ser solucionada, integrando o Parque Estadual Vila Velha, a outros atrativos de Ponta Grossa e região, com a mesma temática, voltada a Geologia, Arqueologia e Paleontologia, como proposto no presente trabalho. Assim, o turista poderá ser atraído por um conjunto de atrativos, permanecendo mais tempo na região e atendendo ao objetivo de conhecer a arqueologia dos Campos Gerais do Paraná. Dessa forma, pode-se concluir que o Parque Estadual Vila Velha, possui infraestrutura e potencialidade necessária para integrar um roteiro turístico na região.

b) Abrigo Usina São Jorge

Partindo da entrevista realizada com Alessandro Chagas, observa-se claramente o descaso do governo com o rico patrimônio encontrado no Abrigo. A diversidade e a riqueza das pinturas rupestres encontradas nesse local, não podem ser deixadas de lado.

A área encontra-se razoavelmente perto a um aeroporto internacional, assim como a outros locais de interesse turístico, sendo que o acesso ao local requer algum esforço. Possui um alto interesse cultural, tendo uma área circundante de uma beleza panorâmica ímpar, possuindo várias características interessantes, incluindo rios. Não há placas ou folders que auxiliem na comunicação interpretativa do patrimônio. Os meios de hospedagem e os locais de alimentação também não são encontrados no interior do Abrigo.

Um ponto positivo nesse atrativo é a atuação dos grupos Arqueotrekking e Grafismo Rupestre, que se dispõe a levar os visitantes até essa área, com o intuito de divulgar e preservar esse rico patrimônio. Esse fator contribui para que seja possível considerar o Abrigo Usina São Jorge, como um atrativo que possa fazer parte de um roteiro. Deve-se levar em conta, que o local encontra-se no mesmo município do Parque Estadual Vila Velha, o que facilita a integração entre esses atrativos.

É necessário desenvolver ações de marketing e divulgação, para que o local tenha maior visibilidade. Seria importante também, que o governo tomasse providências para que o local recebesse algum tipo monitoramento de visitantes, sendo que, atualmente, não existe controle algum. O turismo seria um grande aliado na conservação desse patrimônio, promovendo uma maior visibilidade do Abrigo no panorama do estado. Pode-se afirmar que, em parceria com os grupos Arqueotrekking e Grafismo Rupestre, é possível inserir o Abrigo Usina São Jorge em um roteiro turístico dos Campos Gerais, voltado a Arqueologia.

c) Sumidouro do Rio Quebra-Perna e Buraco do Padre

Apesar do rico patrimônio natural e cultural encontrado no local, pode-se perceber, através da entrevista com o Sr. Mário Sérgio, que, pela falta de interesse do governo, não seria viável o desenvolvimento do turismo no local. O foco da utilização do Sumidouro é voltado totalmente para a pesquisa. Algumas pessoas visitam a área, que fica próxima ao Buraco do Padre, atrativo bastante conhecido na região, porém, sem autorização do proprietário, visto que trata-se de uma área particular.

A área encontra-se afastada de um aeroporto internacional, porém próxima a outras localidades de interesse turístico, sendo que a viagem e o acesso até o local requer certo esforço. Não há atrações culturais presentes no local, assim como alimentação e hospedagem. A área é única em seu aspecto, sendo de uma beleza panorâmica ímpar, possuindo diversas características interessantes. Não encontram-se atividades aquáticas, bem como comunicação interpretativa sobre o patrimônio.

Não há nenhuma infraestrutura para o turismo, assim como ações de marketing e projetos para desenvolver a atividade turística. A representatividade das gravuras rupestres seria, com certeza, um fator bastante relevante para alegar a viabilidade do turismo na área, porém, os demais fatores mostram que tal fato não seria possível no atual panorama. Desse modo, desconsidera-se a possibilidade de integrar o Sumidouro do Rio Quebra-Perna em um roteiro turístico nos Campos Gerais.

Finalizadas as interpretações dos resultados dos atrativos do município de Ponta Grossa, parte-se agora para as considerações a respeito do Parque Estadual do Guartelá, na cidade de Tibagi.

d) Parque Estadual do Guartelá

A partir das duas entrevistas realizadas em relação ao Parque Estadual do Guartelá, com a Sra. Juliana e o Sr. Manoel, foi possível perceber a grande relevância do local para o turismo do estado. A riqueza e a singularidade das pinturas rupestres encontradas no Parque possibilitam uma alternativa a mais aos visitantes, visto que o Cânion do Guartelá, já caracteriza-se por ser um atrativo de grande importância para o Paraná. Outro fator positivo é a questão do controle dos visitantes, o que promove uma maior conservação da área, além do fato da presença do guia, possibilitar ao visitante obter maiores informações e conhecimento a respeito da história e da cultura do local que o mesmo está visitando.

A existência de uma empresa especializada em realizar passeios pelo Parque, também é um fator que contribui para o turismo. O conhecimento do guia, a especificidade dos passeios, permitem ao visitante extrair uma grande quantidade de informações sobre o Parque. O apoio da Secretaria de Turismo

do município também é fundamental. O órgão realiza ações de divulgação e marketing, assim como auxilia na obtenção de recursos para melhoria da infraestrutura, como estradas e sinalização, por exemplo.

A área do Parque está próxima a um aeroporto internacional (Curitiba), e a outras localidades de interesse turístico. O acesso requer algum esforço, pois apesar de se tratar de trilhas fáceis, alguns percursos são um pouco longos. Possui muito interesse cultural adicional, sendo uma área diferente, com uma beleza panorâmica ímpar, várias características interessantes, inclusive rios e cachoeiras. Possui também comunicação interpretativa em alguns pontos. Há meios de hospedagem e locais para alimentação no interior do Cânion, como o Parque Pousada do Canyon do Guartelá, por exemplo, que pode ser usado inclusive para *day use*.

Percebe-se que o Parque Estadual do Guartelá tem características relevantes o suficiente para fazer parte de um roteiro turístico voltado à temática da Arqueologia no Paraná, pois além da natureza exuberante, do acesso fácil e do apoio do governo, está próximo a cidade de Ponta Grossa, que como visto anteriormente, possui dois atrativos também capazes de ser integrados ao roteiro turístico nos Campos Gerais.

O último local a ter os resultados da pesquisa analisados, será o Vale do Eco, localizado no município de Pirai do Sul.

e) Vale do Eco

Em entrevista com Jean, do grupo Grafismo Rupestre, pode-se perceber que há uma grande vantagem no Vale do Eco em relação à visitação turística: a presença da Pousada Serra do Pirahy na propriedade. Esse fator contribui significativamente para atrair o visitante. O mesmo pode se hospedar e realizar as trilhas no mesmo local. Além disso, o proprietário do local é também o guia, o que possibilita ao turista um maior contato com a história e com o patrimônio, além da convivência mais próxima e direta com a comunidade.

Outro aspecto positivo é a existência de cinco sítios arqueológicos no Vale do Eco, o que diversifica a experiência do visitante e justifica um maior

tempo de permanência do local. Os rios e cachoeiras também contribuem para a atratividade da propriedade.

O Vale está razoavelmente próximo ao aeroporto internacional de Curitiba, assim como a outros locais de interesse turístico, sendo que a viagem até a área é fácil e confortável. O local é único em seu aspecto, possuindo algumas atrações culturais adicionais, sendo de uma beleza panorâmica ímpar, possuindo mais de uma característica interessante, incluindo rios e cachoeiras. Há pouca informação a respeito dos atrativos, porém, os visitantes tem sempre o acompanhamento do guia. A gastronomia é variada e bem confeccionada e os padrões de alojamento são confortáveis.

Há necessidade de melhorar as questões de marketing e divulgação, visto o *website* da pousada possui apenas telefone, não há e-mail. Como o local é um pouco afastado, às vezes os telefones celulares informados no *website* não funcionam direito. Poderia ser desenvolvida uma parceria com o governo do município de Pirai do Sul, com a finalidade de promover uma maior divulgação do local.

Conclui-se, portanto, que o Vale do Eco, juntamente com a Pousada Serra do Pirahy, possuem potencialidade e infraestrutura necessárias para integrar um roteiro voltado à Arqueologia dos Campos Gerais, enaltecendo o rico patrimônio histórico, natural e cultural da região.

A partir da interpretação dos dados obtidos através das entrevistas, pode-se chegar à conclusão de que, o roteiro turístico integrando os atrativos dos municípios de Ponta Grossa, Tibagi e Pirai do Sul, pode ser composto pelos seguintes locais: Parque Estadual Vila Velha, Abrigo Usina São Jorge, Parque Estadual do Guartelá e Vale do Eco. Os demais locais seriam excluídos do projeto, visto que, não foi possível obter informações necessárias sobre os mesmos, ou os locais não atendem aos objetivos propostos. O projeto para criação do roteiro turístico será exposto com maior detalhamento no capítulo a seguir.

5 PROJETO DE TURISMO

A partir da coleta de dados e da análise dos dados obtidos, foi possível definir quais seriam os locais mais adequados para compor o roteiro turístico temático, proposto na presente pesquisa. A seguir serão explanadas, com maior detalhamento, as características do projeto em si, abordando questões como público alvo, local de realização, elementos que o comporão, estimativa de custos e prazos de realização, entre outros.

5.1 DESCRIÇÃO DA PROPOSTA DO PROJETO

O projeto de pesquisa proposto neste estudo trata-se da criação de um roteiro turístico temático, voltado a Arqueologia dos Campos Gerais no Estado do Paraná, especificamente dos municípios de Ponta Grossa, Piraí do Sul e Tibagi. Conforme resultados obtidos através da pesquisa documental e de campo, pode-se concluir que os locais que apresentam condições e potencialidade para ser inserido neste roteiro são: Parque Estadual de Vila Velha, Abrigo Usina São Jorge, Vale do Eco e Parque Estadual do Guartelá.

O produto consistirá no roteiro turístico que oferecerá: transporte, hospedagem, alimentação e visitas aos sítios arqueológicos selecionados. Esse roteiro terá a sua temática referente à Arqueologia, explorando principalmente sítios com pinturas rupestres, com exceção de Vila Velha que faz parte também do patrimônio Geológico Paranaense, com uma singular apresentação de arenitos e formações rochosas. Tudo isso aliado à beleza cênica dos Campos Gerais, que proporcionará ao turista uma visão exuberante da natureza, unindo o patrimônio histórico, cultural e natural da região.

O público alvo desse roteiro não serão somente arqueólogos ou geólogos, pelo contrário. O roteiro é direcionado para qualquer perfil de turista que tenha o desejo de conhecer um pouco mais o patrimônio arqueológico do Paraná, o que conseqüentemente, implica num maior conhecimento a respeito da própria história do estado e dos antepassados. Deve-se levar em conta que o roteiro exigirá certo esforço físico para ser realizado, devido à presença de trilhas e caminhos irregulares para se chegar a determinados atrativos. Na

maioria dos casos, as pinturas rupestres, por exemplo, encontra-se em cavernas, paredões afastados ou locais de difícil acesso.

Como já mencionado, o roteiro turístico será realizado nos municípios de Ponta Grossa, Piraí do Sul e Tibagi, abrangendo os atrativos: Parque Estadual de Vila Velha, Abrigo Usina São Jorge, Vale do Eco e Parque Estadual do Guartelá. Nesses atrativos, será possível observar diversos aspectos da Arqueologia Paranaense, assim como suas belezas naturais, onde será possível integrar o Arqueoturismo ao Ecoturismo e ao Turismo Cultural, pois o roteiro envolverá atividades de caminhada, contemplação da natureza, observação do patrimônio e convivência com a cultura local.

O roteiro será realizado pela Toptur Viagens e Turismo, empresa sediada na cidade de Curitiba, que já realiza diversos passeios pelo Paraná, com grupos escolares, empresariais e de terceira idade. Além disso, realiza viagens nacionais e internacionais, aéreas e rodoviárias, além da venda de outros serviços como cruzeiros, seguros, entre outros. A Toptur será a responsável pela comercialização e pela execução do roteiro, providenciando todos os itens necessários, dentre eles: transporte, hospedagem, alimentação, guia, lanche, seguro e materiais de divulgação.

Quanto ao prazo para realização do roteiro, estima-se que o mesmo possa começar a ser executado a partir do segundo semestre de 2015, devido ao tempo que se faz necessário para elaboração do mesmo, assim como a sua promoção e divulgação. Quanto à frequência do roteiro, o mesmo será realizado inicialmente, uma vez ao mês, e terá a duração de três dias (de quinta-feira a sábado).

Esse roteiro turístico será de grande relevância para a região dos Campos Gerais e para o Estado do Paraná, pois através dele, os visitantes, bem como a própria população paranaense, poderão descobrir mais respeito da história e da cultura da região, que é desconhecida por grande parte das pessoas. Não é difícil encontrar reações de surpresa quando se diz que o Paraná possui um rico patrimônio arqueológico. Muitos não sabem inclusive, da existência de pinturas rupestres no estado. Dessa forma, o roteiro viria a acrescentar informações e conhecimento a respeito do patrimônio encontrado na região.

Além disso, um roteiro turístico é uma importante estratégia para a divulgação e a comercialização de atrativos e destinos, pois o mesmo integra diversos locais com características semelhantes, possibilitando que o visitante conheça, em uma mesma região, vários atrativos que atendam ao que ele procura, sendo nesse caso, a arqueologia. É relevante também, destacar o fato de que, em um roteiro, o turista possui um conforto maior, pois não precisa se preocupar com o deslocamento, a hospedagem e a alimentação, que já são providenciadas pela empresa que realiza a viagem. Além disso, há sempre o acompanhamento de um guia, que possibilita um maior aproveitamento das visitas, pois são disponibilizadas mais informações e fatos a respeito do que está sendo visitado.

O roteiro será realizado na segunda semana de cada mês, de quinta-feira a sábado, sendo necessário um grupo mínimo de 10 pessoas. O transporte será feito em van de até 15 lugares, pois o acesso a determinados locais é um pouco limitado para que se possa utilizar um veículo maior, como um ônibus, por exemplo. O grupo também não poderá ultrapassar 15 pessoas, pois os locais visitados compõem-se de atrativos frágeis e vulneráveis, sendo que, para o guia, é difícil manter um controle adequado com um grupo grande, principalmente em se tratando desse tipo de turismo em áreas naturais, sendo, muitas vezes, áreas de conservação e preservação ambiental.

O roteiro, intitulado Rota da Arqueologia, será realizado da seguinte maneira:

Quinta-feira:

07h: Saída de Curitiba com destino ao Parque Estadual de Vila Velha, em Ponta Grossa (aproximadamente 92 km – duração média da viagem: 1 hora e 30 minutos);

08h30min: Chegada ao Parque Estadual de Vila Velha. Visita aos Arenitos, a Furnas e a Lagoa Dourada.

* O Parque Estadual de Vila Vela é o principal atrativo natural de Ponta Grossa, PR, sendo esta Unidade de Conservação composta por três principais elementos: Arenitos, que são formações rochosas que apresentam formas variadas, como: a taça, o camelo, entre outras; Furnas, que se caracterizam

por grandes crateras com vegetação exuberante e água no seu interior (lençol subterrâneo) e Lagoa Dourada que possui este nome porque ao pôr do sol suas águas ficam douradas. Todos os passeios são feitos por trilhas e acompanhados de guias do próprio parque. O local é tombado pelo Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado e abriga uma fauna diversificada: lobos-guará (já raros), jaguatiricas, quatis, gatos-do-mato, cachorros-do-mato, iraras, furão, catetos, veados, tatus, pica-paus, pombas, perdizes, tamanduás-bandeira e mirins, além de diversos tipos de aves.



Figura 5: Taça - Parque Estadual de Vila Velha



Figura 6: Bota - Parque Estadual de Vila Velha

12h: Saída para almoço no Restaurante Panorâmico Vila Velha (Rod 376, km 517,5).

14h: Saída para visita ao Abrigo Usina São Jorge – em parceria com o Grupo Arqueotrekking, que realiza visitas a esse local. (O Abrigo está a 15 km do centro de Ponta Grossa – duração média do percurso até o local: 20 minutos)

14h30min: Visita as lapas conjugadas com pinturas rupestres.

* O Abrigo Usina São Jorge é representado por duas lapas conjugadas sustentadas por arenito da Formação Furnas, localizadas junto ao vale do Rio Pitangui. A primeira lapa, a sudoeste, contém painéis de pinturas rupestres com figuras humanas, de animais e geométricas. A segunda, a norte, possui painéis com pinturas monocromáticas de cervídeos e aves.



Figura 7: Pintura rupestre - Abrigo Usina São Jorge



Figura 8: Pinturas rupestres - Abrigo Usina São Jorge

17h: Saída de Ponta Grossa com destino a Piraí do Sul (aproximadamente 90 km – duração média da viagem: 2 horas).

19h: Chegada a Pousada Serra do Pirahy, em Piraí do Sul. Hospedagem no local, incluindo quatro refeições: jantar na quinta-feira, café da manhã, almoço e lanche da tarde na sexta-feira. Incluso também três trilhas aos seguintes atrativos inseridos dentro do Vale do Eco: petróglifos, pinturas rupestres e cachoeiras.

Sexta-feira:

08h: após o café da manhã, saída para as trilhas dos petróglifos e das pinturas rupestres.

12h00min: almoço na Pousada.

13h30min: saída para a trilha das cachoeiras.

16h30: café da tarde na Pousada.

* Vale do Eco está localizado no Cânion Chapadinha, recebendo esse nome, pois, quando grita-se em um lado do Cânion, ouve-se claramente o mesmo som após cerca de três segundos. Este sítio arqueológico está localizado em um platô rochoso de arenitos na beira do penhasco do vale do Eco. É caracterizado por inúmeras figuras na pedra, sendo em sua maioria, círculos com aproximadamente dez centímetros de diâmetro. Os principais atrativos do local são: quatro sítios arqueológicos com pinturas rupestres; um sítio arqueológico com petróglifos; trilhas pelas matas, vales e campos; cachoeiras, lajeados, arenitos; e animais silvestres, sendo as cachoeiras e os sítios arqueológicos, as áreas mais visitadas dentro do Vale.



Figura 9: Petróglifo - Vale do Eco



Figura 10: Pintura rupestre - Vale do Eco

18h: saída de Pirai do Sul com destino a Tibagi (cerca de 110 km – duração média da viagem: 2 horas e 30 minutos)

20h30min: chegada ao Hotel Fazenda Itátyba, em Tibagi. Inclui jantar.

Sábado:

08h: após o café da manhã, saída para visita ao Parque Estadual do Guartelá.

08h30min: chegada ao Parque.

09h30min: início da Trilha das Pinturas Rupestres.

* Parque Estadual do Guartelá foi criado em 1992, e oferece aos visitantes grande beleza cênica, com canyons, cachoeiras e formações rochosas. Abriga também o Canyon do Rio Iapó ou Canyon Guartelá, considerado o 6º maior do mundo em extensão, além de ser o único com vegetação nativa. Além disso, pode-se encontrar traços deixados por indígenas, jesuítas e tropeiros. As marcas desses povos estão registradas em pinturas rupestres feitas nas rochas, com um acervo rico de gravuras e inscrições.

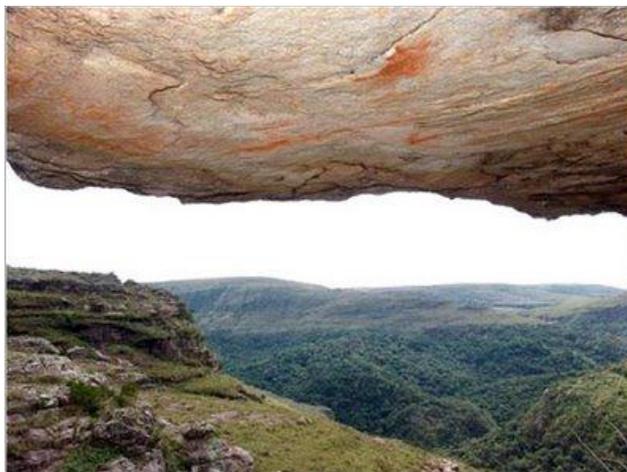


Figura 11: Pinturas rupestres - Guartelá



Figura 12: Pintura rupestre - Guartelá

13h30min: saída para o almoço no Hotel Fazenda Itáytyba.

15h: retorno a Curitiba (aproximadamente 220 km – duração média da viagem: 4 horas).

19h: Chegada a Curitiba.

Para a realização de tal roteiro, é necessário analisar os gastos com cada um dos itens que compõe o passeio. Apresenta-se abaixo, os custos para a execução do roteiro proposto:

Item	Custo
Van	R\$ 1.600,00
Despesas motorista*	R\$ 100,00
Ingresso Parque Estadual Vila Velha	R\$ 18,00 por pessoa
Almoço no Restaurante Panorâmico	R\$ 35,00 por pessoa (sem bebidas)
Diária Guia Grupo Arqueotrekking – apoio ao guia principal e explicações sobre a área	R\$ 100,00
Hospedagem na Pousada Serra do Pirahy – Atrativo Vale do Eco em Piraí do Sul	R\$ 120,00 por pessoa (apartamento duplo)
Trilhas no Vale do Eco (3)	R\$ 30,00 por pessoa
Hospedagem no Hotel Fazenda Itáytyba – Tibagi	R\$ 160,00 por pessoa (apartamento duplo)
Trilha das pinturas rupestres – Canyon Guartelá	R\$ 25,00
Lanches van**	R\$ 15,00 por pessoa
Diárias de guia	R\$ 150,00 por dia – total R\$ 450,00
Seguro	R\$ 2,00 por dia, por pessoa – total R\$ 6,00

Tabela 13: Custo total da execução do roteiro

*As despesas do motorista são contabilizadas considerando que os hotéis fornecem cortesia de hospedagem e alimentação.

**Os lanches disponibilizados na van serão: água mineral, biscoitos salgados e doces e barras de cereal.

Dessa forma, baseando-se num mínimo de 10 pessoas, o valor de venda do roteiro seria calculado da seguinte maneira:

Item	Preço por pessoa
Van	R\$ 160,00
Despesas motorista	R\$ 10,00
Ingresso Parque Estadual Vila Velha	R\$ 18,00
Almoço no Restaurante Panorâmico	R\$ 35,00
Diária Guia grupo Arqueotrekking	R\$ 10,00
Hospedagem na Pousada Serra do Pirahy – Atrativo Vale do Eco em Piraí do Sul	R\$ 120,00
Trilhas no Vale do Eco (3)	R\$ 30,00
Hospedagem no Hotel Fazenda Itátyba – Tibagi	R\$ 160,00
Trilha das pinturas rupestres – Canyon Guartelá	R\$ 25,00
Lanches van*	R\$ 15,00
Diárias de guia	R\$ 45,00
Seguro	R\$ 6,00
Total custos por pessoa	R\$ 634,00
Lucro da empresa – considera-se aproximadamente 20% de lucro	R\$ 150,00
Preço de venda do roteiro	R\$ 784,00

Tabela 14: Custo do roteiro por passageiro

É necessário levar em conta que a realização do roteiro só será possível em condições de tempo bom, ou seja, sem chuvas. O acesso aos

atrativos é feito por meio de trilhas em meio a áreas naturais. Nesse caso é preciso que não haja chuvas durante o percurso. Deve-se ressaltar também, que os turistas que realizarão esse tipo de visita necessitam de alguns itens indispensáveis: roupas leves, tênis confortável, protetor solar, repelente, óculos de sol, bonés/chapéus, roupas de banho e garrafas de água.

5.2 ETAPAS PARA EXECUÇÃO DO PROJETO

Após a apresentação do projeto em si, com maior detalhamento de cada um dos itens que o compõe, apresenta-se abaixo as etapas para a execução do mesmo. Será definido um cronograma, englobando os recursos humanos, financeiros e materiais necessários para que o projeto possa ser realizado, assim como a descrição das responsabilidades e atribuições de cada um dos envolvidos no processo. Também serão explanados os custos em cada uma das etapas do projeto, bem como o retorno do investimento inicial.

5.2.1 Descrição das Etapas para a Execução do Projeto

É preciso definir um cronograma de ações, para que se possa analisar o tempo necessário para executar todas as etapas cabíveis para a execução do projeto proposto, sendo nesse caso, um roteiro turístico temático, oferecido por uma agência de viagens. As etapas definidas para o presente projeto são: identificação dos atrativos; análise da infraestrutura, equipamentos e potencialidade dos atrativos; sensibilização dos gestores dos atrativos; elaboração do roteiro; elaboração de ações de divulgação; pré-teste do roteiro; monitoramento.

Cada uma dessas etapas será composta por diversas ações, conforme exposto abaixo:

Etapas	Ações	Tempo (meses)
1. Identificação dos atrativos	<ul style="list-style-type: none"> • Buscar atrativos que contenham vestígios arqueológicos na região dos Campos Gerais do Paraná; 	1 mês

	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar como funciona a visitação turística nesses atrativos; • Selecionar os locais que se adequem ao objetivo do trabalho, para que possam compor o roteiro turístico temático. 	
2. Análise da infraestrutura, equipamentos e potencialidade dos atrativos	<ul style="list-style-type: none"> • Analisar quais as condições atuais de cada um dos locais selecionados; • Avaliar os pontos positivos e negativos do atrativo; • Definir quais aspectos devem ser alterados, criados e/ou melhorados nos atrativos. 	2 meses
3. Sensibilização dos gestores dos atrativos	<ul style="list-style-type: none"> • Realizar reuniões com os responsáveis por cada área, para apresentar a eles a análise das condições atuais dos locais, bem como os pontos que precisam ser melhorados; • Conscientizar os gestores da importância de um roteiro turístico que integre os atrativos da região, destacando os benefícios e os impactos que o mesmo causaria; • Realizar reuniões com os órgãos oficiais de turismo para buscar apoio dos mesmos em relação a questões de infraestrutura, equipamentos e marketing; 	2 meses
4. Elaboração do roteiro	<ul style="list-style-type: none"> • Definir o tempo necessário e a ordem de visitação dos atrativos; • Selecionar os meios de hospedagem que serão utilizados; • Definir os locais de alimentação; • Solicitar orçamentos para: transporte, lanche, guia e seguro; • Obter valores de taxas de visitação e ingressos aos atrativos; • Realizar a planilha total de custos totais para a execução do roteiro; • Definir o preço final cobrado do visitante; 	1 mês
5. Elaboração de ações de divulgação	<ul style="list-style-type: none"> • Confecção de um mapa temático do roteiro; • Confecção de materiais de divulgação a ser distribuídos em feiras e eventos; • Elaboração de materiais para divulgação em meio eletrônico e mídias sociais; 	1 mês
6. Pré-teste do roteiro	<ul style="list-style-type: none"> • Realizar um pré-teste do roteiro, com os gestores dos locais e também com turistas; 	1 mês
7. Monitoramento	<ul style="list-style-type: none"> • Acompanhar a execução do roteiro; • Realizar reuniões para apresentar feedbacks e identificar possíveis ações de manutenção; • Elaborar uma pesquisa de satisfação, onde os turistas podem avaliar o roteiro e os atrativos, e incluir críticas, comentários e sugestões. 	3 meses

Tabela 15: Resumo das etapas do projeto

Abaixo, apresenta-se o resumo do cronograma de execução do projeto:

Etapas	Mês 1	Mês 2	Mês 3	Mês 4	Mês 5	Mês 6	Mês 7	Mês 8	Mês 9	Mês 10	Mês 11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											

Tabela 16: Cronograma de execução

A primeira etapa, que já foi realizada pela autora do projeto em questão, consiste na identificação dos atrativos, ou seja, o levantamento dos locais que possuem vestígios arqueológicos capazes de gerar um interesse turístico. Essas áreas devem estar localizadas na região dos Campos Gerais do Paraná, especificamente nos municípios de Ponta Grossa, Tibagi e Piraí do Sul. Também está inserida nessa etapa a verificação do funcionamento da visitação turística dos locais, para que seja possível selecionar os atrativos que mais se enquadram no objetivo proposto no estudo, para fazer parte de um roteiro temático voltado a Arqueologia do Paraná.

Já na segunda fase as ações serão voltadas a análise das condições atuais dos atrativos, envolvendo equipamentos, infraestrutura e a potencialidade turística dos mesmos. A finalidade é avaliar os pontos fortes e fracos de cada um dos locais, para que se possam definir quais ações deverão ser tomadas para melhorar os fatores negativos e aperfeiçoar o desenvolvimento da atividade turística.

A próxima etapa envolve a sensibilização dos gestores dos atrativos, com o objetivo de conscientizá-los a respeito da importância e dos benefícios de um roteiro turístico integrando os principais atrativos da região. É preciso mostrar aos responsáveis pelas áreas, que esse projeto trará inúmeros benefícios, tanto financeiros quanto sociais e ecológicos, pois é uma forma de divulgar os atrativos, conscientizar as pessoas da sua importância histórica e cultural, fazendo com que haja uma maior preservação desse patrimônio, e

difundir a Arqueologia do Paraná para moradores e turistas. Essa sensibilização será feita através de reuniões com os responsáveis pelas áreas, para apresentar a eles a análise das condições atuais dos locais, bem como os pontos que necessitam de melhorias. Serão realizados também, encontros com os gestores dos atrativos e representantes dos órgãos oficiais de turismo, para buscar apoio dos mesmos em relação a questões de infraestrutura, equipamentos e marketing.

A quarta etapa, também já realiza pela autora, consiste na elaboração do roteiro em si, definindo a época em que o mesmo será realizado, qual a sua duração e a ordem dos atrativos visitados, o meio de transporte utilizado, assim como os locais de hospedagem e alimentação. Também devem ser providenciados os valores para o serviço de guias, seguros, lanches, ingressos e taxas de visitação, para que se possa definir o custo final do roteiro, que será repassado ao turista.

A etapa seguinte trata das questões de divulgação do produto. As ações englobadas nesse item envolvem a confecção de um mapa temático do roteiro, indicando os atrativos que o compõe, bem como a elaboração de materiais (folder, flyer, mapa) para ser utilizados em feiras e eventos na área do turismo, e nos meios digitais, como *websites* e mídias sociais. O modelo do flyer, incluindo o mapa dos atrativos, pode ser visualizado no apêndice 1.

A oitava etapa é a fase de pré-teste do roteiro, onde serão convidados a participar os gestores dos locais, agentes de viagens e também turistas. O objetivo desse teste é analisar os detalhes do roteiro, incluindo tempo de visita em cada atrativo, o acesso a cada um deles, o tempo de deslocamento entre as áreas visitadas, os locais de alimentação e hospedagem e os serviços dos guias. Esse pré-teste é relevante para que se possa descobrir se há necessidade de realizar alguma alteração no roteiro e/ou se há itens há ser modificados.

A nona e última fase é o monitoramento, onde será feito o acompanhamento do roteiro, com a realização de reuniões para a apresentação de feedbacks e resultados obtidos com uma pesquisa de satisfação, respondida pelos turistas que participam do roteiro. Com isso será possível definir possíveis ações de melhora e/ou manutenção do produto, de

forma com que o mesmo seja cada vez mais satisfatório e atenda a necessidade dos visitantes que o buscam.

Através dessas etapas será possível planejar e executar de maneira adequada o projeto proposto no presente trabalho, visando uma maior divulgação e conservação do patrimônio arqueológico do Paraná, assim como um maior conhecimento dos atrativos com esse rico valor histórico e cultural por parte dos turistas e também da comunidade.

5.2.2 Descrição dos Recursos Humanos envolvidos em cada etapa

Para a execução do roteiro será necessário, primeiramente, um turismólogo ou agente de viagens, responsável por realizar a contratação dos serviços que serão utilizados durante toda a viagem. Deverá efetuar reservas nos meios de hospedagem, bem como nos restaurantes. Efetuar a contratação dos serviços de transporte e guia, e providenciar os demais itens essenciais, como seguro, lanches, entre outros. É esse profissional que deverá manter contato com os guias locais, para agendar datas das trilhas e dos passeios.

Será necessário um profissional para a confecção dos materiais de divulgação, como folders, *flyers* e mapas que serão utilizados para difundir o roteiro. O mesmo será responsável pela elaboração de lâminas para divulgação em meio eletrônico, sendo esta no *website* da empresa e também nas mídias sociais.

Para a execução do roteiro em si, será utilizada uma van (serviço terceirizado), onde haverá necessidade de apenas um motorista, visto que a distância entre os locais não é representativa, para que haja necessidade de troca de condutores. Quanto aos guias, serão utilizados quatro ao todo. Um deles acompanhará o grupo desde a saída de Curitiba, permanecendo com os turistas durante todo o tempo, até o fim da viagem. Os outros três serão guias locais, que acompanharão o grupo nos passeios específicos, sendo eles: no Abrigo Usina São Jorge em Ponta Grossa (membro do grupo Arqueotrekking); no Vale do Eco em Piraí do Sul (o próprio dono da Pousada Serra do Pirahy); e no Parque Estadual do Guartelá em Tibagi (guia da empresa Itambé do Guartelá).

5.2.3 Descrição do Orçamento e dos desembolsos por etapa

Serão explanados abaixo os custos para a realização de cada uma das sete etapas apresentadas acima, que envolvem os processos e ações necessárias para a execução do roteiro temático nos Campos Gerais.

Em relação à primeira etapa, que consiste na identificação dos atrativos, a mesma já foi realizada pela autora do presente trabalho, sendo que nesse caso, não haveriam custos a ser contabilizados. Esse processo foi feito através de pesquisa documental sobre os atrativos e contato direto com os responsáveis e/ou pesquisadores atuantes nas áreas estudadas. Através dessa pesquisa, foi possível selecionar os locais que mais se adequavam ao objetivo do estudo.

Na fase da análise da infraestrutura, equipamentos e potencialidade dos atrativos (etapa 2), será disponibilizado um funcionário da própria agência de viagens, para que o mesmo se desloque até os quatro atrativos selecionados, nos municípios de Ponta Grossa, Piraí do Sul e Tibagi, para analisar a real situação dos locais. O profissional faria contatos prévios via e-mail/telefone, para agendar visitas com os responsáveis em cada uma das áreas. Nesse caso, seria necessário um dia para cada atrativo, de forma que o funcionário pudesse obter uma visão bastante detalhada da situação de cada um deles. Após as visitas, o contato continuaria via e-mail e telefone. Para isso os custos envolvidos seriam: transporte, hospedagem e alimentação do funcionário.

Quanto à terceira etapa, que compreende as reuniões e encontros com os responsáveis por cada área, bem como com representantes dos órgãos oficiais de turismo, calcula-se como gasto apenas o transporte e a alimentação das pessoas que iriam de Curitiba para a região dos Campos Gerais, que nesse caso, seriam o turismólogo/agente de viagens responsável pelo roteiro e o proprietário da agência de viagens, que possui interesse direto no assunto. Tratando-se de quatro atrativos, contabiliza-se um total de três reuniões para cada um deles, chegando a uma soma final de doze reuniões no período de dois meses.

Na etapa 4, que compreende a elaboração do roteiro em si, o gasto também seria zero, visto que o agente de viagens solicita os orçamentos

necessários e toma as providências cabíveis durante o seu próprio horário de expediente, utilizando-se de e-mail e telefone.

Em relação às ações de divulgação, será necessário um profissional para a elaboração de folders, *flyers*, mapas, para que os mesmos sejam divulgados em feiras e eventos e também distribuídos a clientes da própria agência. Nesse caso seria considerado o custo de um mês de trabalho do próprio assistente técnico da agência de viagens, que já presta esse tipo de serviço.

A etapa 6 compreende o pré-teste do roteiro. Nesse caso, o custo envolve o pagamento de todas as despesas para as pessoas convidadas a realizar o roteiro de maneira experimental. É necessário que o mesmo seja feito com um mínimo de 10 passageiros, para que sejam analisados todos os itens que o compõe.

O monitoramento, etapa final do projeto, envolve como custo a realização das reuniões para apresentação de feedback e análise de possíveis mudanças e/ ou manutenções. Contabiliza-se uma reunião para cada um dos atrativos, utilizando para cálculo, novamente os valores de transporte e alimentação para duas pessoas.

Etapas	Custos	Valor
1. Identificação dos atrativos	<ul style="list-style-type: none"> Realização da pesquisa sobre os atrativos (já realizada pela autora) 	R\$ 0,00
2. Análise da infraestrutura, equipamentos e potencialidade dos atrativos	<ul style="list-style-type: none"> Transporte (combustível e pedágio) Hospedagem (3 pernoites, sendo dois em Ponta Grossa e um em Piraí do Sul) Alimentação (considerando 4 almoços e 4 jantares) 	R\$ 190,00 (combustível) R\$ 35,00 (pedágio) R\$ 140,00 x 2 = R\$ 280,00 (hospedagem Ponta Grossa) R\$ 120,00 (hospedagem Piraí do Sul) R\$ 30,00 cada refeição x 8 = R\$ 240,00
3. Sensibilização dos gestores dos atrativos	<ul style="list-style-type: none"> Transporte (combustível e pedágio) Alimentação (considerando almoço) 	R\$ 80,00 x 12 = R\$ 960 (combustível) R\$ 35,00 x 12 = R\$ 420,00 (pedágio) R\$ 30,00 cada refeição x 2 pessoas = R\$ 60,00 x 12 = 720,00

4. Elaboração do roteiro	<ul style="list-style-type: none"> Solicitação de orçamentos e contratação de serviços (feito pelo próprio agente de viagens) 	R\$ 0,00
5. Elaboração de ações de divulgação	<ul style="list-style-type: none"> Valor mensal do assistente técnico da agência de viagens 	R\$ 210,00
6. Pré-teste do roteiro	<ul style="list-style-type: none"> Custos totais do roteiro para as 10 pessoas 	R\$ 634,00 x 10 = R\$ 6.340,00
7. Monitoramento	<ul style="list-style-type: none"> Transporte (combustível e pedágio) Alimentação (almoço) 	R\$ 80,00 x 4 = 320,00 (combustível) R\$ 35,00 x 4 = 140,00 (pedágio) R\$ 30,00 cada refeição x 2 = R\$ 60,00 x 4 = R\$ 240,00
Total		R\$ 10.215,00

Tabela 17: Custo total do projeto

A partir desse detalhamento dos custos para cada uma das ações foi possível chegar ao custo total do projeto: R\$ 10.215,00. Esse valor compreende todas as sete etapas definidas para a execução satisfatória do roteiro, envolvendo desde análise dos atrativos, até o monitoramento do roteiro já em comercialização.

5.2.4 Avaliação do retorno do investimento

Agora que já se conhece qual o investimento total do projeto, bem como o lucro que o mesmo obteria para cada mês de execução, pode-se calcular qual o tempo de retorno para o investimento inicial. Tal situação pode ser observada com maior clareza na tabela abaixo:

Investimento total	R\$ 10.215,00
Lucro do pacote por passageiro	R\$ 150,00
Lucro por roteiro realizado	R\$ 1.500,00

(considerando 10 passageiros pagantes)	
Tempo de retorno do investimento	R\$ 10.215,00 / R\$ 1.500,00 = 6,81

Tabela 18: Retorno do investimento

O cálculo é feito partindo do pressuposto de que a agência de viagens comercializaria esse roteiro uma vez ao mês, com dez passageiros pagantes (lembrando que dez é o número mínimo de pessoas para que o roteiro aconteça, e quinze, o máximo, devido ao tipo de transporte utilizado).

Como já exposto anteriormente, o lucro por passageiro seria de R\$150,00. Considerando que o roteiro seja realizado com o número mínimo de passageiros (dez pessoas), o lucro por viagem seria de R\$ 1.000,00. Desse modo, dividindo o valor total dos investimentos, pelo lucro mensal do roteiro, chega-se a um tempo inferior a sete meses para o retorno do gasto inicial.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira etapa da pesquisa foi marcada pela definição do tema e dos objetivos do estudo. A partir disso foi possível realizar um embasamento teórico de grande relevância para que se pudesse dar sequência ao trabalho em questão. Foram abordados temas como Arqueologia, Turismo, Diagnóstico e Elaboração de Roteiros, assim como a relação entre esses fatores para a execução do presente projeto. Também foram expostos os procedimentos metodológicos adotados durante toda a pesquisa.

Percebeu-se, com a revisão de literatura, o quanto as áreas de Turismo e Arqueologia estão interligadas, e quão vastas são as possibilidades de aliá-las cada vez mais. Pode-se perceber que a Arqueologia apresenta um patrimônio incalculável, que revela a história e o passado de um povo, bem como a sua cultura. Observa-se também o papel do turismo nesse meio. A atividade pode auxiliar na conservação desses bens, pois, através da visibilidade proporcionada pela divulgação dos locais, a população, bem como

os turistas, reconhecem o valor desse patrimônio, e constataam a importância da preservação do mesmo.

A segunda etapa do estudo foi à execução da pesquisa em si. Foram realizadas diversas entrevistas com pesquisadores, membros de órgãos oficiais de turismo, e demais responsáveis pelas áreas selecionadas para que se pudesse descobrir qual a real situação dos atrativos turísticos da região dos Campos Gerais. Através da combinação da pesquisa documental e da análise das entrevistas, foi possível chegar à conclusão de que os atrativos que mais se adequam ao objetivo do roteiro turístico temático são: Parque Estadual de Vila Velha, Abrigo Usina São Jorge, Vale do Eco e Parque Estadual do Quartelá.

Após a definição dos locais a serem visitados, pode-se elaborar a Rota da Arqueologia, onde foram definidos todos os itens que compõe o roteiro, incluindo hospedagem, alimentação, horário e tempo de cada visita, entre outros. Além disso, os custos e as etapas do projeto também foram elaborados, para que se pudesse chegar ao valor e ao prazo final para a execução do mesmo.

Acredita-se que um roteiro como este, seria de grande importância para a região. O conhecimento e a cultura que esses atrativos abrigam, possuem grande valia não somente para os turistas, mas principalmente para os moradores do Paraná, que tão pouco conhecem a respeito desse rico patrimônio que o Estado carrega consigo.

Vale destacar também, que tal produto seria algo inovador, visto que não encontra-se atualmente, um roteiro que integre diversos atrativos com a temática voltada a Arqueologia. É um ramo novo que pode ser explorado de maneira bastante ampla, envolvendo diversos perfis de visitantes, com finalidades e necessidades variadas, podendo ser enquadrado em fins pedagógicos, ou em uma forma de ecoturismo ou turismo cultural.

O que deve ser destacado é a riqueza de sensações e experiências que a Rota da Arqueologia pode proporcionar ao turista. O mesmo terá contato com a natureza, envolto na grande beleza cênica dos Campos Gerais do Paraná, além de adquirir um maior conhecimento a respeito da história e da cultura do estado, bem como vivenciar um pouco do cotidiano dos povos que aqui viveram há séculos.

REFERÊNCIAS

- ADVENTURE TURISMO. **Sítio Arqueológico Pedra do Ingá – Ingá/PB**. Disponível em: <<http://newadventureeventos.webnode.com.br/products/sitio-arqueologico-pedra-do-inga-inga-pb/>>. Acesso em: 06/03/2014.
- ALVES, Gerlúzia de Oliveira Azevedo. Arte rupestre: o fazer do artista paleolítico. **Eco Subterrâneo**, Rio Grande do Norte, v. 1, n. 1, p.60-75, out. 2009. Disponível em: <<http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/pdf/mneme23/223.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2014.
- ARAÚJO, Inaldo da Paixão Santos. **Introdução à Auditoria Operacional**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- BAHIA. **Segmentos**: Arqueológico. Disponível em: <<http://bahia.com.br/segmentos/arqueologico/>>. Acesso em: 25/02/2014.
- BAHL, Miguel. **Viagens e roteiros turísticos**. Curitiba: Prottexto, 2004.
- BENI, Mário Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo: Senac, 2003.
- BEZERRA, Deise Maria Fernandes et al. **Orientação para Gestão Municipal do Turismo**: Orientação para Gestão Municipal do Turismo. Curitiba: Governo do Estado do Paraná, 2008. 100 p.
- BORGES, Luis T. C.; ARAUJO, Ana Paula C. **Inventário E Diagnóstico Dos Atrativos Turísticos Do Município De Aquidauana (MS)**. UFMS: Mato Grosso do Sul, s.d. Disponível em: <<http://www.propp.ufms.br/gestor/titan.php?target=openFile&fileId=406>>. Acesso em: 10/05/2014.
- BRUZZONE, Andrés. **Conheça 10 sítios arqueológicos pelo mundo**. 2013. Disponível em: <<http://vidaeestilo.terra.com.br/turismo/internacional/conheca-10-sitios-arqueologicos-pelo-mundo,8087a46a6fd5f310VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 12 mar. 2014.
- BRUZZONE, Andrés. **Conheça 10 sítios arqueológicos pelo mundo**. 2013. Disponível em: <[http://vidaeestilo.terra.com.br/turismo/internacional/conheca-](http://vidaeestilo.terra.com.br/turismo/internacional/conheca-10-sitios-arqueologicos-pelo-mundo,8087a46a6fd5f310VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html)

10-sitios-arqueologicos-pelo-mundo,8087a46a6fd5f310VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 12 mar. 2014.

CADASTRO NACIONAL DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS. **IPHAN**. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/sgpa/?consulta=cnsa>>. Acesso em: 04/04/2014.

CARTEN, Aluizio Alfredo; MOTA, Lúcio Tadeu. Cadastramento e Georeferenciamento de Sítios Arqueológicos na Bacia do Rio das Cinzas no Norte do Paraná. **Anais do XVIII EAIC**, Maringá, v. 1, n. 1, p.1-4, out. 2009. Disponível em: <<http://www.eaic.uel.br/artigos/CD/3971.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2014.

CARVALHO, Karoliny Diniz. Turismo Cultural e Arqueologia nos espaços urbanos: caminhos para a preservação do patrimônio cultural. **Turismo e Sociedade**, Curitiba, v. 3, n. 1, p.51-67, abr. 2010. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/turismo/article/view/17341/11405>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

Cerca de 50 múmias são descobertas no Vale dos Reis do Egito. G1, 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2014/04/cerca-de-50-mumias-sao-descobertas-no-vale-dos-reis-do-egito.html>>. Acesso em: 01/05/2014.

COELHO NETO, Aristides. **Além da Revisão**. 2. ed. Distrito Federal: Senac, 2008.

COSTA, Diogo M.. Arqueologias Históricas: um panorama espacial e temporal. **Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, Minas Gerais, v. 4, n. 2, p.9-38, dez. 2010. Disponível em: <http://api.ning.com/files/YO*OboLyRFYILalyLyc1sa0hVjXUf*h6oJOT1UuFuPLecEao28oqcRpHKVaShY6Zi4WwlnxpqNE2*RNpdOBQBYQuAZ4PIOjI/Costa_2010.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2014.

COSTA, Flávia Roberta. **Turismo e patrimônio cultural: interpretação e qualificação**. São Paulo: Editora Senac, 2009.

DANTAS, Nathallye Galvão de Sousa; MELO, Rodrigo de Sousa. O método de análise SWOT como ferramenta para promover o diagnóstico turístico de um local: o caso do município de Itabaiana / PB. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 8, n. 1, p.118-130, 2008. Disponível em: <[http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php?journal=caderno&page=article&op=view&path;\[\]=272&path;\[\]=191](http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php?journal=caderno&page=article&op=view&path;[]=272&path;[]=191)>. Acesso em: 10 maio 2014.

DENCKER, A. de F. M. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo**. 2 ed. São Paulo: Futura, 1998.

DIEESE. **Relatório Final de análise**: Pesquisa do Setor de Turismo e Hospitalidade da Região Metropolitana de Belo Horizonte – MG. Escola Sete de Outubro: Belo Horizonte, 2008. Disponível em:
<<http://projetos.dieese.org.br/projetos/escola7OutubroCut/relatorioEscola7Outubro.pdf>> Acesso em: 10/05/2014.

ETCHEVARNE, Carlos. Proposta para o Aproveitamento Turístico de Áreas Arqueológicas da Bahia, Brasil. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 7, n. 2, p.77-84, nov. 1996. Disponível em:
<<http://www.turismoemanalise.org.br/turismoemanalise/article/view/654/430>>. Acesso em: 17 abr. 2014.

EUROPEAID – CO-OPERATION OFFICE. **Como deve ser aplicada a análise SWOT**. Disponível em:
<http://ec.europa.eu/europeaid/evaluation/methodology/tools/too_swo_how_pt.htm>. Acesso em: 22/05/2014.

Explore Brasil. **Piraí do Sul – Pontos Turísticos**. Disponível em:
<<http://www.explorevale.com.br/rotadostropeiros/piraidosul/turismo.htm>>. Acesso em: 10/05/2014.

FHUMDHAM. **Sítios arqueológicos**. 2006. Disponível em:
<<http://www.fumdam.org.br/sitiosarq.asp>>. Acesso em: 12 mar. 2014.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Ceará: Centro de Educação Uece, 2002. Disponível em:
<<http://books.google.com.br/books?id=oB5x2SChpSEC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

FUNARI, Pedro Paulo A.. **Arqueologia e Patrimônio**. Erechim: Habilis, 2007.

FUNARI, Pedro Paulo A.. **Cultura Material e Arqueologia Histórica**. Campinas: Unicamp, 1998.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu et al. **Arqueologia Histórica, Memória e Patrimônio em Perspectiva Multidisciplinar**: Contribuições da Arqueologia, História, Literatura, Arquitetura e Urbanismo. Pelotas: Ufpel, 2009.

FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. São Paulo: Ática, 1988.

FUZZI, Ludmila Pena. **Metodologia Científica**: o que é a pesquisa de campo. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://profludfuzzimetodologia.blogspot.com.br/2010/03/o-que-e-pesquisa-de-campo.html>>. Acesso em: 25/02/2014.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2003.

Grafismo Rupestre. **Forma Geométrica Recorrente no Abrigo Santa Rita I** – Pirai do Sul, PR. 2013. Disponível em: <<http://www.grafismorupestre.com/archives/872>>. Acesso em: 09/05/2014.

Grafismo Rupestre. **Petróglifos no Vale do Eco** – Pirai do Sul, PR. 2014. Disponível em: <<http://www.grafismorupestre.com/archives/924>> Acesso em: 10/05/2014.

GUIA FLORIPA. **Ilha do Campeche**: sítios arqueológicos. Disponível em: <<http://www.guiafloripa.com.br/turismo/ilhas/icampeche.php3>>. Acesso em: 06/03/2014.

HILBERT, Klaus. **Coleção de Arqueologia**. Disponível em: <http://www.pucrs.br/mct/colecoes/arqueologia/colecao_arqueologia.html>. Acesso em: 12 mar. 2014.

HORCADES, Carlos M. **A Evolução da Escrita**: História Ilustrada. 2. ed. Rio de Janeiro: Senac, 2007.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA. **Afinal, o que é Arqueologia?**. Disponível em: <<http://www.arqueologia-iab.com.br/page/arqueologia>>. Acesso em: 02/05/2014.

MANZATO, Fabiana. Turismo arqueológico: diagnóstico e análise do produto arqueoturístico. **Pasos: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, Espanha,

v. 5, n. 1, p.99-109,2007. Disponível em:
<<http://www.pasosonline.org/Publicados/5107/PS080107.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2014.

MARCOS CONCEITUAIS. **Segmentação Turística**. Ministério do Turismo. Disponível em:
<http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf>. Acesso em: 01/05/2014.

MARCOS CONCEITUAIS. **Turismo Cultural**. Ministério do Turismo. Disponível em:
<http://www.turismo.gov.br/turismo/programas_acoes/regionalizacao_turismo/estruturacao_segmentos/turismo_cultural.html>. Acesso em: 01/04/2014.

MELO, Mário Sérgio de; LOPES, Mario Cezar; BOSKA, Martin Antonio. Furna do Buraco do Padre, Formação Furnas, PR: Feições de erosão subterrânea em arenitos devonianos da Bacia do Paraná. **Sigep**, Brasília, v. 2, n. 1, p.1-11, 2009. Disponível em: <<http://sigep.cprm.gov.br/sitio110/sitio110.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2014.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Elaboração do Plano Estratégico de Desenvolvimento do Turismo Regional**. Roteiros do Brasil - Programada de Regionalização do Turismo. Brasília, 2007. Disponível em:
<http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/modulo_operacional_4_elaboracao_do_plano_estrategico_de_desenvolvimento_do_turismo_regional.pdf>. Acesso em: 10/05/2014.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Segmentação do Turismo e o Mercado**. Brasília, 2010. Disponível em:
<http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Segmentaxo_do_Mercado_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf>. Acesso em: 10/05/2014.

MOREIRA, Jasmine Cardozo. **Geoturismo e interpretação ambiental**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2011.

MOSNA, Rafael. No Piauí, serra da Capivara guarda o maior tesouro arqueológico do Brasil. **Folha de S. Paulo**. São Paulo. 09 maio 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/turismo/2013/05/1275141-no-piaui-serra-da-capivara-guarda-o-maior-tesouro-arqueologico-do-brasil.shtml>>. Acesso em: 06 mar. 2014.

NÓBREGA, Wilker Ricardo de Mendonça; ARAÚJO, Francineide. Turismo Arqueológico no Seridó Potiguar: possibilidades e entraves para o desenvolvimento regional. **X Seminário ANPTUR**, Caxias do Sul, p.1-20, out. 2013. Disponível em: <[http://www.anptur.org.br/novo_portal/admin/portal_anpur/anais/arquivos/pdf/\[18\]x_anptur_2013.pdf](http://www.anptur.org.br/novo_portal/admin/portal_anpur/anais/arquivos/pdf/[18]x_anptur_2013.pdf)>. Acesso em: 05 abr. 2014.

NOELLI, Francisco Silva. A Ocupação Humana na Região Sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas. **Revista USP**, São Paulo, v. 1, n. 44, p.218-269, dez. 1999. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/44a/02-francisosilva.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIA DE TURISMO. **Desenvolvimento de Turismo Sustentável: Manual para Organizadores Locais**. Publicação de Turismo e Ambiente, 2001.

PARELLADA, Claudia Inês. **Arqueologia: Arqueologia no Paraná**. Disponível em: <<http://www.museupr.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=31>>. Acesso em: 27/03/2014.

PARELLADA, Claudia Inês. Arte Rupestre no Paraná. **R.cient./fap**, Curitiba, v. 4, n. 1, p.1-25, jan. 2009. Disponível em: <http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/Arquivos2009/Pesquisa/Rev_cientifica4/artigo_Claudia_Parellada_1.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2014.

PARELLADA, Claudia Inês. **Revisão dos Sítios Arqueológicos com mais de seis mil anos BP no Paraná: discussões geoarqueológicas**. Disponível em: <<http://www.fumdam.org.br/fumdamentos7/artigos/7%20Parellada.pdf>>. Acesso em: 28/03/2014.

PETROCCHI, Mario. **Turismo: planejamento e gestão**. São Paulo: PEARSON, 2008.

Pousada Serra do Pirahy Ecoturismo. Disponível em: <<http://www.pousadaserradopirai.com.br/index2.php?sessao=atracoes>>. Acesso em: 10/05/2014.

Prefeitura de Ponta Grossa. **Parque Estadual de Vila Velha**. Disponível em: <<http://www.pontagrossa.pr.gov.br/parque-estadual-vila-velha>>. Acesso em: 10/05/2014.

Prefeitura de Tibagi. **Parque Estadual do Guartelá** – Canyon do Rio Iapó. Disponível em: <<http://tibagi.pr.gov.br/turpage/modules/conteudo/index.php?pagenum=2>>. Acesso em: 11/05/2014.

PROJETUAL. **A importância da análise SWOT para a comunicação da sua empresa**. 2014. Disponível em: <<http://projetual.com.br/a-importancia-da-analise-swot-para-a-comunicacao-da-sua-empresa/>> Acesso em: 09/05/2014.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Unb, 1992.

RUSCHMANN, Doris; SOLHA, Karina Toledo. **Planejamento Turístico**. Barueri, Sp: Manole, 2006.

SANTOS, Jenilton Ferreira. Arqueoturismo no Semi-árido Sergipano: o desafio da conservação de um patrimônio milenar. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p.35-46, ago. 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115416289003>>. Acesso em: 06 abr. 2014.

SILVA, Alessandro Giulliano Chagas; MELO, Mário Sérgio de; PARELLADA, Claudia Inês. Pinturas Rupestres em Abrigos Sob Rocha no Sumidouro do Rio Quebra-Perna, Ponta Grossa, Paraná. **UepgCi. Exatas Terra, Ci. Agr. Eng.**, Ponta Grossa, v. 1, n. 12, p.23-31, abr. 2006. Disponível em: <<http://eventos.uepg.br/ojs2/index.php/exatas/article/viewFile/861/744>>. Acesso em: 03 abr. 2014.

SILVA, Alessandro Giulliano Chagas; MELO, Mário Sérgio de; PARELLADA, Claudia Inês. Pinturas Rupestres do Sítio Arqueológico Abrigo Usina São Jorge, Ponta Grossa, Paraná. **UepgCi. Exatas Terra, Ci. Agr. Eng.**, Ponta Grossa, v. 1, n. 13, p.25-33, abr. 2007. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/exatas/article/viewFile/876/759>>. Acesso em: 03 abr. 2014.

SOCIEDADE DE AQUEOLOGIA BRASILEIRA. Disponível em: <<http://www.sabnet.com.br/>>. Acesso em: 02/05/2014.

SOUZA, Jonas Gregorio de; MERENCIO, Fabiana Terhaag. A diversidade dos sítios arqueológicos Jê do Sul no Estado do Paraná. **Cadernos do Lepaarq: Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio**, Pelotas, v. , n. 20, p.93-130, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/viewFile/2495/251>>. Acesso em: 01 abr. 2014.

TAMAKI, Walter Junji. **Representatividade e Ação Coletiva: Uma Avaliação Empírica de sua Eficácia**. 2005. 115 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração, Fgv/eaesp, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/5859/43908.pdf?sequence=>>>. Acesso em: 10 maio 2014.

TESOURO ARQUEOLÓGICO É DESCOBERTO EM OBRAS DO METRÔ DO RIO. Rio de Janeiro: G1 Rio, 14 set. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/09/tesouro-arqueologico-e-descoberto-em-obras-do-metro-do-rio.html>>. Acesso em: 26 fev. 2014.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TUMBA DE FARAÓ DESCONHECIDO É DESCOBERTA NO EGITO. São Paulo: Estadão, 15 jan. 2014. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,tumba-de-farao-desconhecido-e-descoberta-no-egito,1118802,0.htm>>. Acesso em: 26 fev. 2014.

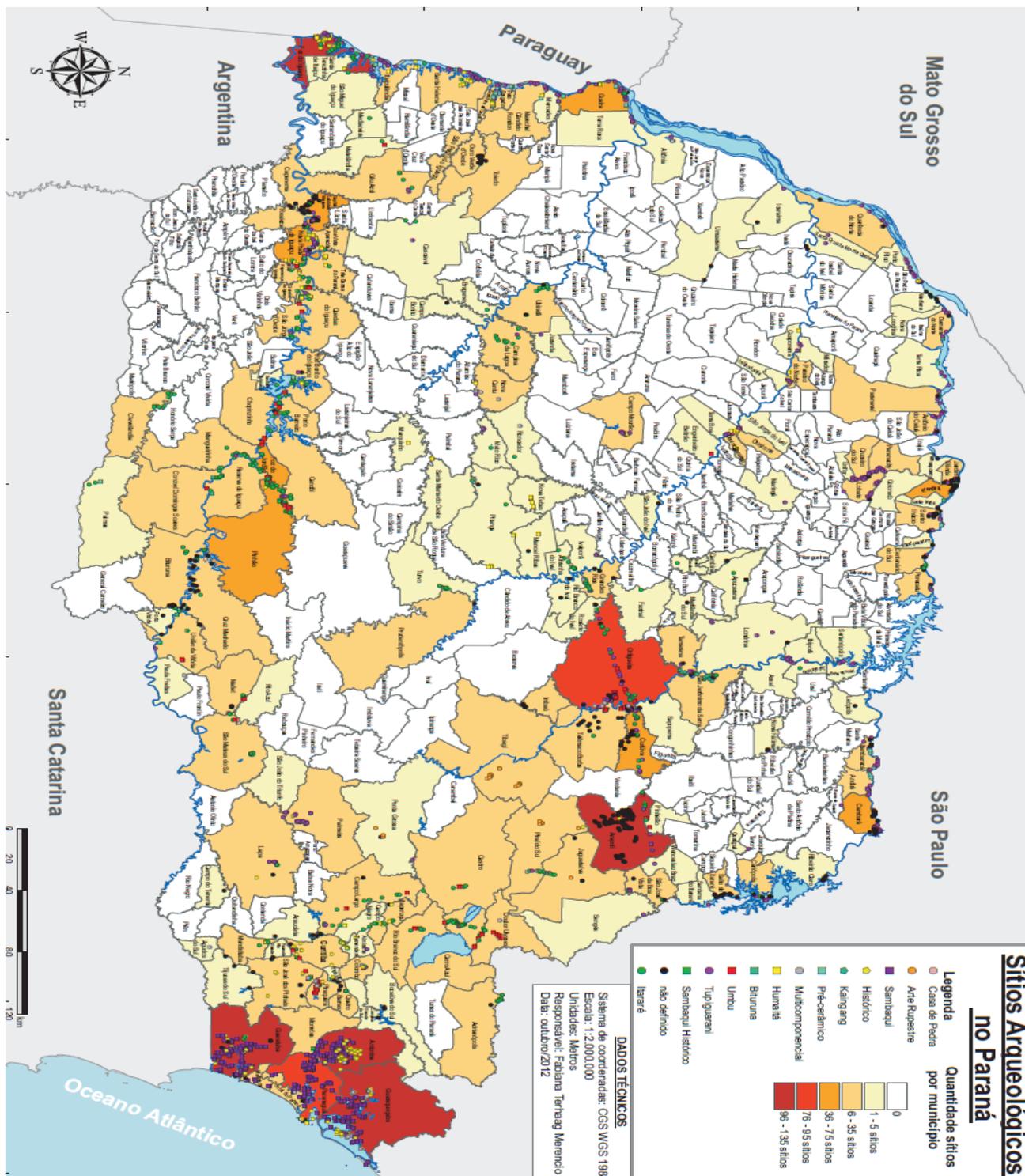
VIAGEM: Sonhe. Planeje. Embarque. **Egito**. Disponível em: <<http://viajeaqui.abril.com.br/paises/egito>>. Acesso em: 25/02/2014.

APÊNDICE

APÊNDICE 1 – FOLDER ROTA DA ARQUEOLOGIA

ANEXOS

ANEXO I – MAPEAMENTO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO PARANÁ



Fonte: Fabiana Terhaag Merencio, 2012.

ANEXO II – AVALIAÇÃO E HIERARQUIZAÇÃO DE ATRATIVOS TURÍSTICOS

A. Fatores de Avaliação

Para realizar a avaliação dos atrativos turísticos deverão ser considerados os seguintes fatores:

- Acesso – Peso 4

Considerar o acesso mais utilizado pelo visitante para chegar ao atrativo, independente da sua localização (urbana ou rural), pontuado da seguinte maneira:

RODOVIÁRIO			AÉREO, MARÍTIMO/FLUVIAL, FERROVIÁRIO	
3 pontos	2 pontos	1 ponto	3 pontos	0 ponto
Bom	Regular	Precário	Existência	Inexistência

Obs: A pontuação não é cumulativa

- Transportes – Peso 3

Avaliar o transporte regular existente para o atrativo – rodoviário, ferroviário, hidroviário e/ou aéreo – mais utilizado, de acordo com a seguinte pontuação:

3 pontos	2 pontos	1 ponto	0 ponto
Bom	Regular	Precário	Não existente

- Equipamentos e Serviços – Peso 3

Avaliar todos os equipamentos e serviços turísticos instalados no atrativo, que contribuam para sua valoração e facilitem o uso e a permanência dos visitantes no local. Deverão ser observadas as seguintes pontuações:

Valores a serem atribuídos aos atrativos que possuem:			
3 pontos	2 pontos	1 ponto	0 ponto
<ul style="list-style-type: none"> - sinalização - monitor especializado/guia local - local de alimentação - serviços de limpeza - instalações sanitárias - integrar roteiros turísticos comercializados 	<ul style="list-style-type: none"> - sinalização - serviços de limpeza - instalações sanitárias - monitor especializado/guia local 	<ul style="list-style-type: none"> - sinalização - serviços de limpeza 	<ul style="list-style-type: none"> - atrativo que não possui nenhum dos serviços utilizados

Calcular o valor médio pelo somatório das pontuações alcançadas por cada fator de avaliação, dividido pelo número de avaliadores.

- Valor intrínseco do atrativo – Peso 10

É o valor em si do atrativo. Será obtido pela avaliação das características relevantes de cada tipo. Através de uma análise comparativa com outro atrativo de características homogêneas (Quadro II)

Esse valor variará de 1 a 4 pontos.

B. Critérios para Hierarquização dos Atrativos

O critério para enquadramento dos atrativos turísticos, em suas respectivas hierarquias, de acordo com a sua importância turística será através do enquadramento do valor do seu índice do atrativo (IA), nos intervalos abaixo:

Hierarquia IV: 3,26 – 4,00

Atrativo turístico de excepcional valor e de grande significado para o mercado turístico internacional, capaz, por si só, de motivar importantes correntes de visitantes, atuais ou potenciais, tanto internacionais com nacionais.

Hierarquia III: 2,51 – 3,25

Atrativo turístico muito importante, em nível nacional, capaz de motivar uma corrente, atual ou potencial, de visitantes nacionais ou internacionais, por si só ou em conjunto com outros atrativos turísticos.

Hierarquia II: 1,76 – 2,50

Atrativo com algum interesse, capaz de estimular correntes turísticas regionais e locais, atual ou potencial, e de interessar visitantes nacionais e internacionais que tiverem chegado por outras motivações turísticas.

Hierarquia I: 1,00 – 1,75

Atrativo complementar a outro de maior interesse, capaz de estimular correntes turísticas locais.

MATRIZ DE AVALIAÇÃO DE ATRATIVOS TURÍSTICOS								
MUNICÍPIO:					UF:			
ATRATIVO:								
CATEGORIA:					TIPO:			
QUADRO I								
FATORES	A	B	C	D	E	VALOR MÉDIO	PESO	PONTO DO FATOR
ACESSO							4	
TRANSPORTE							3	
EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS							3	
VALOR INTRÍNSECO							10	
SOMA							20	
ÍNDICE DO ATRATIVO							IA=	

1. Valor Médio: resultado do somatório das pontuações que o FATOR recebeu, dividido pelo número de avaliadores.

2. Ponto do Fator: resultado do valor médio do item multiplicado pelo seu peso.

3. Valor Intrínseco: valor obtido pela avaliação das características relevantes, calculado no quadro II.

4. Índice do Atrativo (IA): somatório dos pontos dos fatores dividido pelo somatório dos pesos.

$$IA = \frac{\text{Soma dos Pontos dos Itens}}{20}$$

QUADRO II**VALOR INTRÍNSECO DO ATRATIVO**

CARACTERÍSTICAS RELEVANTES	A	B	C	D	E	VALOR MÉDIO
➤ SOMA DO VALOR MÉDIO						
VALOR INTRÍNSECO						

FASES DA AVALIAÇÃO

1. Relacionar para cada atrativo as características relevantes, de acordo com a sua classificação.

2. A pontuação para cada uma das características relevantes, independente da sua classificação, obedecerá a escala de 1 a 4 pontos.

Critério sugerido: 4: Muito interessante; 3: interessante; 2: interesse relativo; 1: pouco interesse.

3. O valor médio de cada uma das características será obtido pelo somatório dos pontos dos avaliadores, dividido pelo número de avaliadores.

4. O valor intrínseco do atrativo será obtido pelo somatório do valor médio de cada uma das características relevantes do atrativo, em análise, dividido pelo número total de características relevantes que integram o atrativo.

Obs.: Os avaliadores deverão estabelecer um valor (de 1 a 4) para cada característica relevante do atrativo, levando em consideração as informações contidas nos formulários. No caso do atrativo não possuir a característica relevante (ausência) deverá ser atribuído 0 (zero) ponto. Para facilitar os cálculos deverão ser adotados números inteiros, obedecendo os critérios de arredondamento universal.

